

ANA CAROLINA PAIVA BENTO

Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem e com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL)

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
Para obtenção do título de Mestre em Ciências

Área de Concentração: Comunicação Humana  
Orientadora: Profa. Dra. Debora Maria Befi-Lopes

São Paulo  
(2009)

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Preparada pela Biblioteca da  
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Bento, Ana Carolina Paiva

Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem e com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL) / Ana Carolina Paiva Bento. -- São Paulo, 2009.

**Dissertação(mestrado)--Faculdade de Medicina da  
Universidade de São Paulo.**

Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional.

Área de concentração: Comunicação Humana.

Orientadora: Debora Maria Befi-Lopes.

Descritores: 1.Fonoaudiologia 2.Linguagem infantil 3.Desenvolvimento da linguagem 4.Transtornos do desenvolvimento da linguagem 5.Narração

USP/FM/SBD-475/09

## DEDICATÓRIA

---

À minha mãe,  
Exemplo de mãe, mulher e profissional.

Tenha certeza que você se faz cada dia mais presente em minha vida.  
Te amo.

## AGRADECIMENTOS

---

A Deus, porque sem Ele nada é possível.

À minha orientadora Profa. Dra. Debora Maria Befi-Lopes, pela oportunidade e pelos ensinamentos que jamais serão esquecidos.

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), que financiou a realização deste estudo.

À banca de qualificação, Profa. Dra. Claudia Regina Furquim de Andrade, Profa. Dra. Fernanda Dreux Miranda Fernandes e Profa. Dra. Jacy Perissinoto, pela leitura cuidadosa do meu estudo e pelas sugestões pertinentes.

Às professoras do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de Federal de São Paulo pela formação sólida que me foi dada.

Às amigas do Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Alterações do Desenvolvimento da Linguagem: Amália, Beth, Érica, Joyce, Juliana, Karina, Marina, Tetê e Telma pelo companheirismo e incentivo durante todo esse processo.

Aos alunos de graduação do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de São Paulo, e em especial à Aninha (hoje fonoaudióloga Ana Manhani),

que me ensinam a ensinar e me fazem ter certeza da minha escolha pela área acadêmica.

Aos pacientes com Distúrbio Específico de Linguagem que me fizeram querer compreender melhor essa patologia por meio dos estudos.

Às coordenadoras pedagógicas Heloisa e Sandra que permitiram a realização deste estudo nas escolas públicas.

A todos os sujeitos desta pesquisa e aos pais desses que acreditaram no trabalho e contribuíram para a sua realização.

À Vanessa e ao Jimmy pelo auxílio na compreensão dos dados estatísticos da minha dissertação.

À Nina Bandeira pela cuidadosa correção ortográfica da minha dissertação.

Aos amigos de toda hora, Cintia, Camila, Thamara, Paulo, Flávia, Kátia, Isalvi, Priscilla Scaroni, Adriana, Eliete, Elisângela, Priscilla Affonso e Toshie que estiveram sempre junto nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, grandes colaboradores deste sonho, que me deram muito mais que uma educação sólida.



À minha irmã Gabriella e ao meu cunhado André, pessoas que eu tanto admiro e quero bem, obrigada por compreenderem minha ausência.

À minha sogra Margareth, minha segunda mãe, e ao meu sogro Abílio, exemplo de professor, pelo apoio, incentivo, carinho e dedicação em todas as horas.

À minha tia Severina e à minha avó que sempre estiveram junto a mim, ajudando e torcendo em todos os momentos.

À tia Meire, prima Ana, vó Maria, vó Lourdes e Fátima, minha nova família, obrigada por torcerem por mim.

Ao meu noivo Marcus Vinicius, amor da minha vida, obrigada por acreditar tanto em mim. Sem você nada seria possível e não teria a menor graça.

Esta dissertação está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de *International Committee of Medical Journals Editors* (Vancouver)

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Serviço de Biblioteca e Documentação. *Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias*. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Julia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena. 2a ed. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação; 2005.

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com *List of Journals Indexed in Index Medicus*.

## SUMÁRIO

ÍNDICE DE ANEXOS	
ÍNDICE DE QUADROS	
ÍNDICE DE TABELAS	
ÍNDICE DE GRÁFICOS	
RESUMO	
SUMMARY	
APRESENTAÇÃO	
INTRODUÇÃO GERAL.....	20
1. ESTUDO 1 – Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem.....	29
1.1 Resumo.....	30
1.2 Introdução.....	31
1.3 Objetivos.....	33
1.4 Método.....	35
1.5 Resultados.....	40
1.6 Discussão.....	46
1.7 Conclusão.....	49
2. ESTUDO 2 – Organização e narração de histórias por escolares com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL).....	51
2.1 Resumo.....	52
2.2 Introdução.....	53
2.3 Objetivos.....	56
2.4 Método.....	59
2.5 Resultados.....	66
2.6 Discussão.....	78
2.7 Conclusão.....	84
CONCLUSÃO GERAL.....	86
REFERÊNCIAS.....	89
ANEXOS.....	111

## ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	112
ANEXO B – Documento de aprovação CAPPesq nº 0666/07.....	116
ANEXO C – Prova de Fonologia ABFW.....	117
ANEXO D – Prova de Consciência Fonológica.....	126
ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita .....	128
ANEXO F – Exemplos da representação gráfica das Sequências Lógicas.....	138
ANEXO G – Protocolo de Registro da Ordenação Temporal.....	140

## ÍNDICE DE QUADROS

### **ESTUDO II**

QUADRO 1 - Distribuição dos subgrupos derivados do Grupo Pesquisa.....61

QUADRO 2 - Distribuição dos subgrupos derivados do Grupo Controle.....61

## ÍNDICE DE TABELAS

### **ESTUDO I**

Tabela 1 - Comparação entre as faixas quanto ao Tipo de Discurso (Descritivo, Causal e Intencional) e Ordenação Temporal.....	42
Tabela 2 - P-valores da Tabela 1.....	42
Tabela 3 - Comparação do Tipo de Discurso realizado de acordo com o tipo de história fornecida.....	44
Tabela 4 - P-valores da Tabela 3.....	44

### **ESTUDO II**

Tabela 1 - Comparação entre as faixas quanto ao Tipo de Discurso (Descritivo, Causal e Intencional) e Ordenação Temporal no Grupo Pesquisa.....	68
Tabela 2 - Comparação do Tipo de Discurso realizado de acordo com o tipo de história fornecida no Grupo Pesquisa.....	69
Tabela 3 - P-valores da Tabela 2.....	70
Tabela 4 - Teste Z das comparações por meio do Teste de Wilcoxon da Tabela 3.....	70
Tabela 5 - Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) na tarefa de Ordenação Temporal.....	72
Tabela 6 - Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação ao Tipo de Discurso.....	74

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

### ESTUDO II

Gráfico 1 - Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação à Ordenação Temporal.....	73
Gráfico 2 - Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação ao Tipo de Discurso nas histórias mecânicas.....	75
Gráfico 3 - Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação ao Tipo de Discurso nas histórias comportamentais.....	76
Gráfico 4 - Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação ao Tipo de Discurso nas histórias intencionais.....	77

## RESUMO

---



BENTO ACP. *Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem e com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL)* [Dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2009. 141f.

As habilidades narrativas podem fornecer ricas informações sobre as competências linguísticas, cognitivas e sociais das crianças com desenvolvimento típico e com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL). Os objetivos dessa dissertação foram caracterizar a ordenação temporal de figuras e a narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem (DTL) e com DEL. Participaram deste estudo dois grupos de sujeitos, com faixa etária de sete a dez anos: o Grupo Controle (GC), sem alterações de linguagem, composto por 60 sujeitos, e o Grupo Pesquisa (GP), com diagnóstico de DEL, composto por 20 sujeitos. Para eliciar as narrativas foi utilizada uma série de 15 histórias, representadas por figuras, compostas por quatro cenas cada. Essas sequências foram criadas e classificadas em mecânicas, comportamentais e intencionais, segundo as relações envolvidas entre os personagens. Os dados foram transcritos e analisados conforme o tipo de discurso (Descritivo, Causal e Intencional) e, além disso, foi pontuado o tipo de organização das figuras realizadas pelas crianças. Esta dissertação foi dividida em dois estudos. Os resultados do Estudo I indicaram que a capacidade de ordenação temporal de figuras já está presente em escolares em DTL aos sete anos. Com o aumento da idade os escolares em DTL diminuem o uso do tipo de discurso descritivo e aumentam o uso do discurso intencional. Além disso, houve aumento do uso dos discursos causal e o intencional com o aumento da complexidade das sequências fornecidas. O Estudo II indicou que não houve diferenças entre os discursos nas faixas etárias estudadas para o grupo com DEL. Os grupos se diferenciaram quanto à ordenação temporal e quanto ao tipo de discurso. Os escolares com DEL apresentaram discurso menos elaborado (descritivo), enquanto o grupo em DTL apresentou discurso mais elaborado (causal). As diferenças observadas entre as narrativas produzidas por escolares em DTL e com DEL ressaltaram as dificuldades desta população na utilização da língua, ou seja, nas habilidades linguísticas necessárias para narração de histórias.

Descritores: 1. Fonoaudiologia 2. Linguagem Infantil 3. Desenvolvimento da Linguagem 4. Transtornos do Desenvolvimento da Linguagem 5. Narração

## SUMMARY

---

BENTO ACP. *Narrative and temporal arrangement in school-age children with typical language development and specific language impairment (SLI)* [Dissertation]. São Paulo: "Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo"; 2009. 141f.

Narrative abilities may provide valuable information concerning linguistic, cognitive and social competences of children with typical language development (TLD) and Specific Language Impairment (SLI). The purpose of this dissertation was to characterize the temporal arrangement of pictures and the narrative abilities of school-age children with TLD and SLI. Two groups of children with age ranging between seven and 10 years participated in the study. The Control Group (CG) was composed by 60 children with TLD whereas the Research Group (RG) was composed by 20 children with SLI. A series of 15 stories represented in pictures were used to elicit the narratives. Each story was represented in four scenes. The sequences were designed and classified as mechanics, behavioral or intentional according to the relationships presented among characters. Data were transcribed and analyzed according to the discourse type (descriptive, causal and intentional). The type of picture arrangement performed by the children was also scored. The present dissertation was divided into two experiments. Results of experiment I indicate that the ability of temporal arrangement of pictures can already be observed in seven-year old children with TLD. As much as the age increased, school-age children with TLD reduced the use of the descriptive discourse and increased the use of the intentional one. Furthermore, an increase on the use of causal and intentional discourse types was observed as the complexity of the sequences provided increased. Experiment II showed no differences among the discourse types for the RG. Between groups differences regarding temporal arrangement and discourse type were observed on experiment II. Children with SLI presented less elaborated (descriptive) discourse whereas children with TLD presented more elaborated (causal) discourse. The differences observed between narratives produced by school-age children with TLD and SLI highlight the difficulties of the SLI population in the use of language, i.e. in linguistic abilities that underlies narrative.

Descriptors: 1. Speech, Language and Hearing Sciences 2. Child Language 3. Language Development 4. Language Development Disorders 5. Narration

## **APRESENTAÇÃO**

Após ter realizado estágio no Ambulatório de Avaliação Fonoaudiológica do Curso de Fonoaudiologia da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), sob orientação da Profa. Dra. Jacy Perissionoto, durante meu último ano de graduação (2004), optei por aprofundar meus conhecimentos a respeito dos distúrbios de linguagem infantil e desde então resolvi dar continuidade aos meus estudos fazendo Curso de Especialização.

Em 2005 fiz Especialização em Fonoaudiologia sob orientação da Profa. Dra. Debora Maria Befi-Lopes na Universidade de São Paulo (USP). Durante todo esse ano iniciei meus estudos a respeito do Desenvolvimento de Linguagem e suas Alterações e sempre tive certeza da opção acertada da área que escolhi para atuar.

No ano de 2006, iniciei meu projeto do Mestrado que foi baseado na Monografia de Especialização apresentada à Universidade de São Paulo.

Também, a partir de 2006, em razão de um convite da Profa. Dra. Debora Maria Befi-Lopes, iniciei minhas atividades como membro do LIF – ADL (Laboratório de Investigação Fonoaudiológica em Alterações do Desenvolvimento da Linguagem), onde me encontro até os dias de hoje, desenvolvendo atividades didáticas e de supervisão junto aos alunos de graduação e participando de pesquisas desenvolvidas nesse Laboratório.

Ingressei, no início de 2007, no Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação (Área de Concentração: Comunicação Humana) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Nesse mesmo ano fui contemplada com uma bolsa de Mestrado FAPESP (Processo: 07/51928-2).

Durante esse percurso, os resultados parciais da dissertação foram apresentados em eventos nacionais e internacionais e publicados da seguinte forma: um artigo submetido a um periódico indexado da área (Revista Pró-Fono) e quatro anais de Congresso, sendo 3 anais em Congresso Nacional e um deles em Congresso Internacional.

Além disso, parte deste estudo recebeu prêmio de Excelência em Fonoaudiologia no XIV Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia – Salvador (BA), realizado em 2007.

Para melhor análise e discussão dos dados coletados durante os anos de 2007 e 2008, e maior agilidade no processo de publicação, a Dissertação aqui apresentada foi dividida em dois estudos que tiveram como objetivos gerais analisar a ordenação temporal de figuras que compõem uma história e analisar o tipo de discurso apresentado por escolares em desenvolvimento típico de linguagem e com Distúrbio Específico de Linguagem, sendo estes:

Estudo I – Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem.

Estudo II – Organização e narração de histórias por escolares com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL).

Os estudos serão apresentados de acordo com as normas estabelecidas pelas revistas internacionais selecionadas para publicação. Sendo assim o Estudo I está descrito de acordo com as normas da Revista de Atualização Científica Pró-Fono, para onde ele foi submetido, e o Estudo II está organizado de acordo com as normas da revista internacional Clinical Linguistics & Phonetics, para o qual foi submetido.

O esclarecimento dessas questões quanto à organização e narração de histórias é de suma importância para o melhor entendimento do Distúrbio Específico de Linguagem, visando maior precisão diagnóstica e a melhoria na efetividade dos tratamentos dessa desordem.

## INTRODUÇÃO GERAL

---

Segundo Befi-Lopes (2004), as alterações da linguagem podem fazer parte das manifestações de diversos quadros que afetam o desenvolvimento infantil. Todavia, há situações nas quais essas alterações são específicas ou não justificáveis por alterações mais globais do desenvolvimento, sendo que, nestas circunstâncias, o quadro é denominado Distúrbio Específico de Linguagem (DEL).

O diagnóstico de DEL é sugerido quando o sujeito apresenta alterações de linguagem que não podem ser atribuídas à deficiência auditiva, à disfunção neuromotora (paralisia cerebral), à deficiência mental, ao déficit de atenção e hiperatividade, aos transtornos invasivos do desenvolvimento, distúrbios psicóticos, insultos cerebrais adquiridos, interação social restrita e distúrbios do comportamento e emocionais significativos, como ocorre nos quadros de distúrbio de conduta e mutismo seletivo (Cipriani e Chilosi, 1995; Bishop, 1997; Leonard, 1998).

As manifestações de DEL encontradas na esfera da linguagem são variadas, estando na dependência do próprio grau de gravidade do quadro: são mutáveis à medida que a criança se desenvolve, o que é ainda mais desafiador. Em linhas gerais, as manifestações são: simplificações fonológicas, frequentemente desviantes, ou seja, simplificações não observadas no processo normal de aquisição de linguagem; vocabulário restrito, com uso demasiado de dêiticos, perífrases e gestos representativos; dificuldade em adquirir novas palavras; estruturação gramatical simplificada e pouco variada; ordenação de palavras de forma não usual (Bishop, 1994; Bortolini et al., 1997; Leonard e Bortolini, 1998; Bortolini e Leonard, 2000;



Befi-Lopes et al., 2005a; Befi-Lopes et al., 2005b; Befi-Lopes et al., 2006a; Befi-Lopes et al., 2006b). Quando a compreensão está comprometida, observam-se dificuldades em entender sentenças ou palavras específicas, como marcadores espaciais ou temporais, realização de comandos linguísticos de forma incorreta, fornecimento de respostas incorretas sob questionamento, dificuldade em manter o tópico da conversação em decorrência das dificuldades de compreensão (Puglisi et al., 2005; Marini et al., 2008). Craig e Evans (1989) observaram que as crianças com DEL, além das dificuldades já citadas, apresentam também deficit na elaboração do discurso, que geralmente é confuso e repetitivo.

Sendo o DEL uma entidade nosológica complexa, há muito a ser investigado. Do ponto de vista das manifestações da linguagem, é fundamental identificar as possíveis falhas nos diferentes processos psicolinguísticos e de processamento da linguagem, tanto oral como escrita, a fim de tornar o processo terapêutico mais bem direcionado (Hage e Guerreiro, 2004).

Dessa forma, as habilidades narrativas, analisadas neste estudo, podem nos fornecer ricas e variadas informações sobre as competências linguísticas, cognitivas e sociais das crianças com desenvolvimento típico e com DEL.

A Narrativa é uma tarefa complexa que requer integração linguística, cognitiva e habilidades sociais e seu potencial para avaliação clínica tem sido explorado recentemente (Botting, 2002). Ela prove um método para se

investigar questões teóricas acerca da relação entre a linguagem e a cognição.

Labov e Waletzky (1967) caracterizaram a narrativa como sendo uma sequência de frases relacionadas temporalmente que se referem a um determinado assunto. A narrativa inclui tanto informações acerca das características e eventos da história, ou seja, o enredo, quanto os comentários do narrador da história.

Dessa forma, os aspectos requisitados para a produção de uma boa narrativa envolvem complexas habilidades linguísticas, cognitivas e afetivo-sociais. Linguisticamente, a criança deve, no nível lexical, fornecer as informações a respeito das características e eventos da história usando adequada estrutura morfossintática para articular a sequência dos eventos e suas relações temporais. Cognitivamente, a criança necessita inferir a motivação das ações vindas dos protagonistas e as relações lógicas entre os eventos e o tema da história (Labov e Waletzky, 1967; Labov, 1972). E, finalmente, considerando os aspectos sociais, temos a necessidade de adequação da narrativa aos ouvintes (Kernan, 1977).

A produção narrativa envolve coordenação de habilidades morfossintáticas e semânticas dentro de um sistema que inclui considerações pragmáticas e convenções culturais, governando como a informação deve ser apresentada dentro do contexto para informar adequadamente o ouvinte (Paul e Smith, 1993; Hughes et al., 1997; Fey et al., 2004; Price et al., 2006).

O desenvolvimento da narrativa tem sido investigado extensivamente em crianças com desenvolvimento típico e em crianças com desordens do desenvolvimento como as crianças com DEL analisadas nesta pesquisa.

Os estudos indicam que em tarefas de narrativa os falantes tendem a ser mais naturais e fazem uso de diversas habilidades linguísticas. Como consequência disso, a análise da *performance* em tarefas de narrativa permite maior interação entre os vários níveis de processamento, ou seja, possibilita uma análise detalhada das habilidades lexicais, morfológicas e sintáticas, podendo assim destacar os deficit de processamento de crianças com DEL, o que pode não ficar evidente em análises tradicionais, como as provas específicas de cada habilidade isolada (Marini et al., 2007a; Marini et al., 2007b).

Estudos apontam que as diferenças qualitativas das narrativas produzidas por crianças com DEL quando comparadas às realizadas por crianças em desenvolvimento típico de linguagem são identificadas tanto por clínicos fonoaudiólogos quanto por professores e leigos (McFadden e Gillam, 1996; Newman e McGregor, 2006).

Além disso, as habilidades narrativas são apontadas como fortes preditores de atraso de linguagem e aprendizado da leitura (Paul e Smith, 1993; Dickinson e Tabors, 2001; Griffin et. al., 2004). Griffin et al. (2004) verificaram que as habilidades narrativas aos cinco anos predizem as habilidades de compreensão de leitura aos oito anos. Dickinson e Tabors (2001) encontraram que a produção narrativa de crianças pré-escolares se correlacionam com medidas de vocabulário receptivo aos quatro anos de

idade e com as habilidades de compreensão de leitura aos oito anos de idade.

Pankratz et al. (2007) verificaram que a narrativa é um bom indicador da *performance* de linguagem futura para crianças com DEL, além de ser um instrumento efetivo para diferenciar crianças com desenvolvimento típico de linguagem e crianças com DEL.

No estudo de Pankratz et al. (2007), as crianças com DEL e em desenvolvimento típico de linguagem foram submetidas à avaliação da narrativa por meio do *The Renfrew Bus Story* (Cowley e Glasgow, 1994), em que o participante ouve a história e em seguida é incentivado a recontá-la.

Primeiramente foram comparados os desempenhos dos grupos estudados (DEL e em desenvolvimento típico de linguagem) e foi observado que a narrativa foi capaz de diferenciar ambos os grupos quando foram analisados os aspectos referentes à extensão das sentenças produzidas e conteúdo da informação.

Além disso, no referido estudo, foi realizada reavaliação da narrativa das crianças com DEL, utilizando o mesmo material após três anos. Esta pesquisa mostrou que as dificuldades narrativas são persistentes e predizem o desempenho linguístico dos sujeitos com DEL.

Miniscalco et al. (2007) realizou um estudo de *follow up* analisando as habilidades narrativas de crianças que haviam apresentado atraso de linguagem. Neste estudo foi possível verificar que grande parte das crianças com atraso de linguagem aos dois anos e seis meses apresentaram

dificuldades persistentes nas habilidades narrativas em tarefa de reconto de história aos sete e oito anos. Dessa forma, os deficit nos demais subsistemas da linguagem refletiram no desenvolvimento das habilidades narrativas, já que estas necessitam da integração das demais habilidades (lexicais, morfológicas e sintáticas).

Em decorrência do grande número de estudos que vêm indicando deficit de memória em crianças com DEL, Dodwell e Bavin (2008) investigaram a relação entre narrativa e as habilidades de memória em crianças com seis anos de idade com diagnóstico de DEL e compararam o desempenho destas crianças com aquelas em desenvolvimento típico de linguagem pareadas por idade cronológica e linguística. No referido estudo as crianças realizaram duas tarefas narrativas, sendo que em uma delas deveriam recontar uma história e responder a perguntas para confirmar sua compreensão e em outra narrar uma história baseada em uma sequência lógico-temporal formada por figuras. Além disso, realizaram tarefas de memória de trabalho (span de dígitos, span de palavras e repetição de frases) retirados do *Clinical Evaluation of Language Fundamentals - Third Edition*. Os resultados mostraram correlação significativa entre as tarefas de narrativa e tarefas de memória, mas a contribuição da memória se mostrou diferente para cada tarefa narrativa realizada. A tarefa de repetição de frases se mostrou o melhor preditor da compreensão e reconto da história.

No mesmo estudo, foi verificado que as narrativas das crianças com DEL se caracterizaram pela descrição das situações apresentadas de maneira concreta. Mostraram ainda capacidade de memória limitada e maior

número de erros nas tarefas que exigiam atenção. A tarefa de reconto apresentou-se mais difícil para o grupo com DEL quando comparada à tarefa de narração de histórias a partir de sequências lógico-temporais, pois na primeira situação se fazia necessário o acesso às informações apresentadas auditivamente. Estes achados sugerem o quanto as crianças com DEL estão em desvantagem na sala de aula em comparação com as crianças em desenvolvimento típico de linguagem, principalmente quando as informações auditivas são complexas. De acordo com os autores, o grupo com DEL se beneficiou quando as informações auditivas foram apresentadas de maneira segmentada.

De maneira geral, os estudos mostram que as narrativas produzidas por sujeitos com DEL tendem a ser menores (Strong e Shaver, 1991; Scott e Windsor, 2000; Fey et. al., 2004), sintaticamente simples, com presença de maior número de erros gramaticais, e menor diversidade e sofisticação vocabular (Liles e Purcell, 1987; Gillam e Johnston, 1992; Scott e Windsor, 2000; Greenhalgh e Strong, 2001; Fey et al., 2004; Luo e Timler, 2008). Os sujeitos com DEL apresentam menor adequação de coesão, mais episódios incompletos, e menor elaboração episódica (Liles, 1985; Liles, 1987; Merritt e Liles, 1987; Strong e Shaver, 1991; Purcell e Liles, 1992; Paul et. al., 1996; Ukrainetz et. al., 2005; Ukrainetz e Gillam, 2009). Portanto, ficam evidentes as diferenças quantitativas e qualitativas entre as narrativas produzidas por sujeitos com DEL em comparação com seus pares em desenvolvimento típico de linguagem (Gillam e McFadden, 1994; Fey et al., 2004; Newman e McGregor, 2006).

Tendo em vista essas considerações, os objetivos gerais dessa dissertação foram caracterizar a ordenação temporal de figuras e a narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem (DTL) e com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL) falantes do Português Brasileiro. A comparação entre escolares em desenvolvimento típico de linguagem (DTL) e com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL), falantes do mesmo idioma, é fundamental; a fim de entender, apontar e diferenciar os aspectos que são pertinentes ao DEL enquanto patologia daqueles que são inerentes ao desenvolvimento da Linguagem.

**ESTUDO 1 – Organização e narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem**

---



## Resumo

Tema: As habilidades narrativas podem fornecer ricas informações sobre as competências linguísticas, cognitivas e sociais de escolares em desenvolvimento típico de linguagem. Objetivo: analisar a ordenação de figuras que compõem histórias e a narração de histórias em relação ao tipo de discurso por escolares em desenvolvimento típico de linguagem. Método: participaram deste estudo 60 sujeitos compreendidos na faixa etária entre sete e dez anos de idade com desenvolvimento típico de linguagem. Foi utilizada uma série de 15 histórias, representadas por figuras, compostas por quatro cenas cada. Essas sequências foram criadas e classificadas em mecânicas, comportamentais e intencionais, segundo as relações envolvidas entre as personagens. Os dados foram transcritos e analisados conforme o tipo de discurso (Descritivo, Causal e Intencional) e, além disso, foi pontuado o tipo de organização das figuras realizadas pelas crianças. Resultados: Não foram observadas diferenças entre as faixas etárias em relação à ordenação temporal. Para todas as faixas etárias o discurso que ocorreu predominantemente foi o do tipo causal e houve diferenças estatisticamente significantes entre as faixas etárias para os tipos de discurso causal e intencional. Além disso, verificou-se que com o aumento da complexidade das histórias fornecidas e com o aumento da idade houve aumento do tipo de discurso intencional e diminuição do tipo de discurso descritivo. Conclusões: A capacidade de ordenação temporal já está desenvolvida aos sete anos e os tipos de discurso realizados sofrem influência da idade e do tipo de história fornecida.

Palavras-Chave: Fonoaudiologia; Linguagem Infantil; Desenvolvimento da Linguagem; Narração.

Key-Words: Speech, Language and Hearing Sciences; Child Language; Language Development; Narration.

## INTRODUÇÃO

---

A Narrativa é uma tarefa complexa que requer integração linguística, cognitiva e habilidades sociais; e seu potencial como avaliação clínica tem sido explorado recentemente (Botting, 2002).

Em seus estudos com falantes do inglês, hebraico e espanhol, Berman e Slobin (1994) documentaram o surgimento das habilidades narrativas aos três anos e claras mudanças no desenvolvimento dos quatro anos aos cinco anos de idade. Dos três aos cinco anos de idade, as crianças passam da descrição de objetos e sequências temporais de ações relevantes à solução de problemas acerca da problemática alvo. Já a narrativa produzida entre os seis e os dez anos traz a expressão dos estados mentais dos personagens como os sentimentos e pensamentos (McKeough, 1992; Martens, 1993).

Estudos mostram que o desenvolvimento das habilidades narrativas atingem um pico de complexidade por volta dos dez anos de idade (McKeough, 2000; Izard et al., 2001). No entanto, outras pesquisas encontraram que as habilidades narrativas continuam sendo aperfeiçoadas durante a fase da adolescência e também da idade adulta (Marsh e Tversky, 2004; Genereux e McKeough, 2007; Principe e Smith, 2008).

## OBJETIVOS

---

O **objetivo** geral do presente estudo foi analisar a narrativa de escolares em desenvolvimento típico de linguagem.

Para alcançar este objetivo geral, nossos objetivos específicos foram:

1) Analisar a ordenação temporal de figuras que compõem histórias realizada por escolares em desenvolvimento típico de linguagem;

2) Analisar se o tipo de discurso difere em relação à faixa etária;

3) Analisar se o tipo de discurso realizado (descritivo, causal e intencional) recebe influência do grau de complexidade da história fornecida.

A partir dos objetivos foram traçadas algumas hipóteses descritas a seguir:

HIPÓTESE 1 (H1): Não haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares em desenvolvimento típico para a tarefa de ordenação temporal;

HIPÓTESE 2 (H2): Haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares em desenvolvimento típico em relação ao tipo de discurso realizado;

HIPÓTESE 3 (H3): Quanto mais complexa a história fornecida aos escolares em desenvolvimento típico de linguagem, mais complexo será o tipo de discurso realizado.

## MÉTODO

---

***Participantes:***

Participaram deste estudo 60 escolares sem alterações de linguagem, de ambos os gêneros, com idade entre sete e dez anos de idade, selecionados em uma Escola Estadual, localizada na Zona Oeste da Cidade de São Paulo. Os sujeitos foram divididos em quatro faixas etárias formadas por 15 sujeitos cada. Todos os responsáveis assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO A) que compõe o projeto aprovado pelo Comitê de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa – CAPPesq da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo sob número 0666/07 (ANEXO B).

Os critérios de seleção dos sujeitos foram: ausência de queixa ou tratamento fonoaudiológico anterior, bom padrão comunicativo e desempenho escolar satisfatório segundo as professoras. Além disso, deveriam apresentar desempenho adequado em prova de Fonologia (ANEXO C) e em tarefas que envolviam consciência fonológica (ANEXO D) e Leitura e Escrita (ANEXO E) (Andrade et al., 1997; Wertzner, 2004).

**Procedimento:**

Para eliciar as narrativas foi utilizada uma série de 15 histórias, representadas por figuras, compostas por quatro cenas cada. Essas sequências foram criadas e classificadas em mecânicas, comportamentais e intencionais, segundo as relações envolvidas entre as personagens:

A classificação que utilizamos (Baron-Cohen, Leslie e Frith, 1986) segue abaixo:

**Mecânica (SM)** – Objetos ou objetos e pessoas interagindo casualmente, uns com os outros;

**Comportamental (SC)** – Uma ou mais pessoas atuando em situações rotineiras, que não requerem atribuição de estados mentais;

**Intencional (SI)** – Pessoas atuando em atividades diárias que requerem atribuição de estados mentais;

Perissinoto (2003), a partir das classificações descritas acima, elaborou as 15 histórias, bem como sua representação em desenhos, que utilizamos no presente estudo (ANEXO F).

A pesquisadora explicava aos participantes do estudo que as sequências de figuras formavam uma história. A primeira cena de cada história era identificada, e, a partir da compreensão de todos os seus elementos, as outras três figuras eram fornecidas para a organização da sequência de figuras. Após a organização das figuras realizada pela criança, a avaliadora solicitava que o participante narrasse a história.



Foi elaborado o Protocolo para anotação da ordem das figuras organizada pelas crianças participantes do estudo (ANEXO G).

A narração das histórias foi gravada em gravador digital Sony e, posteriormente, transcrita e analisada pela pesquisadora responsável pelo estudo.

Foi realizado Teste de Confiabilidade (Cohen, 1960) em que 3 juízes, pós-graduandos fonoaudiólogos, analisaram 25% da amostra dos dados. Para as amostras analisadas o grau de concordância obtido foi superior a 0.80, ou seja, alto grau de concordância.

Para a análise dos resultados, foram utilizados os seguintes critérios de acordo com Baron-Cohen, Leslie e Frith (1986):

1. **Ordenação temporal das figuras** – Foram atribuídos 2 pontos às ordenações corretas, 1 ponto quando as figuras 2 e 3 da história encontravam-se invertidas, e 0 ponto para quaisquer outras organizações;

## 2. **Tipo de discurso**

**Descritivo** – Não há presença de conectivos que estabeleçam uma relação sequencial entre as cenas. Incluímos nesse critério narrativas em que as figuras foram descritas separadamente, sendo a constituição de uma história notada apenas semanticamente; ou o uso de conectivos estabelece uma relação aditiva entre as cenas, sem fazer

relação direta entre os acontecimentos narrados em uma cena e na subsequente;

**Causal** – Uso de expressões que não as determinantes diretas de causa, mas que expressam relação de causalidade. Foram incluídas nesse critério as narrativas que se utilizavam de conjunções aditivas com valor causal, de expressões que demonstrassem que um acontecimento ocorreu apenas em virtude de outro (“fazer algo para”); ou o uso de conjunções causais ou explicitação do agente causador;

**Intencional** – Uso de interjeições ou expressões não linguísticas que expressem desejo ou sentimento da personagem; ou há a expressão de estados mentais das personagens, através da atribuição ou do uso de verbos que expressam desejo, ou quando a fala da personagem é narrada na forma de discurso direto;

Caso ocorresse em uma mesma narrativa mais de um tipo de discurso, a classificação era feita de acordo com o tipo de narrativa mais complexa, segundo a ordem acima descrita.

## RESULTADOS

---

Antes de iniciarmos com os resultados, vamos definir para este trabalho um nível de significância de 0,05 (5%). Os intervalos de confiança foram construídos com 95% de confiança estatística.

Temos que ressaltar que estamos utilizando testes e técnicas estatísticas não paramétricas, porque as condições (suposições) para a utilização de técnicas e testes paramétricos, como a normalidade (teste de Anderson-Darling, gráfico de distribuição de normalidade, sigla AD) e homocedasticidade (homogeneidade das variâncias, teste de Levene), não foram encontradas (principalmente a normalidade) neste conjunto de dados.

Para testar a Hipótese 1 (Não haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares em desenvolvimento típico para a tarefa de ordenação temporal) e a Hipótese 2 (Haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares em desenvolvimento típico em relação ao tipo de discurso realizado), foi realizada a comparação entre os desempenhos dos sujeitos nas diferentes faixas etárias na tarefa de ordenação temporal e quanto ao tipo de discurso realizado utilizando o teste estatístico de Kruskal-Wallis que seguem descritos na Tabela 1.

Tabela 1: Comparação entre as faixas etárias quanto ao Tipo de Discurso (Descritivo, Causal e Intencional) e Ordenação Temporal

Discurso / Ordenação Temporal	Média	Mediana	Desvio Padrão	Q1	Q3	N	IC	Chi-square	DF	p-valor
Descritivo	7 anos	0,37	0	0,6	0	1	75	3,63	3	0,304
	8 anos	0,23	0	0,6	0	0	75			
	9 anos	0,35	0	0,6	0	1	75			
	10 anos	0,31	0	0,6	0	1	75			
Causal	7 anos	2,25	3	0,9	2	3	75	16,04	3	0,001
	8 anos	2,56	3	0,7	2	3	75			
	9 anos	2,49	3	0,7	2	3	75			
	10 anos	2,01	2	1,0	1	3	75			
Intencional	7 anos	0,37	0	0,8	0	0	75	20,23	3	<0,001
	8 anos	0,21	0	0,5	0	0	75			
	9 anos	0,15	0	0,5	0	0	75			
	10 anos	0,68	0	1,0	0	1	75			
Ordenação Temporal	7 anos	5,57	6	1,0	6	6	75	0,81	3	0,847
	8 anos	5,55	6	0,9	5	6	75			
	9 anos	5,57	6	0,8	5	6	75			
	10 anos	5,68	6	0,7	6	6	75			

Legenda:

\* p-valores considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.

Tabela 2: P-valores da tabela 1

Tipo de Discurso	7 anos	8 anos	9 anos
Causal	8 anos	0,024	
	9 anos	0,099	0,516
	10 anos	0,163	<0,001
Intencional	8 anos	0,262	
	9 anos	0,030	0,261
	10 anos	0,040	0,002

Legenda:

\* p-valores considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.

# p-valores que por estarem próximos do limite de aceitação são considerados que tendem a ser significativos.

Verificamos que não houve diferença estatisticamente significativa entre as faixas etárias em relação à tarefa de ordenação temporal.

Como observado nas Tabelas 1 e 2 houve diferenças entre as faixas etárias em relação aos tipos de discursos causal e intencional, sendo que as

diferenças verificadas no tipo de discurso causal encontram-se estatisticamente significantes entre as faixas etárias de sete e oito anos com maior ocorrência deste tipo de discurso para a faixa etária de oito anos, entre oito e dez anos com maior ocorrência para a faixa etária de oito anos e entre nove e dez anos com maior ocorrência para a faixa etária de nove anos. Já com relação ao tipo de discurso intencional, as diferenças estatísticas se deram entre as faixas etárias de sete e nove anos sendo maior ocorrência deste tipo de discurso para a faixa etária de sete anos, sete e dez anos com maior ocorrência para a faixa etária de dez anos, oito e dez anos com maior ocorrência para a faixa etária de dez anos e entre nove e dez anos com maior ocorrência para a faixa etária de dez anos. Portanto, os sujeitos se mostraram homogêneos em relação ao tipo de discurso descritivo, apresentaram o tipo de discurso causal predominantemente em relação aos outros tipos de discurso e os sujeitos de dez anos apresentaram tipo de discurso intencional em maior ocorrência quando comparamos com as demais faixas etárias.

Visando testar a Hipótese 3 (Quanto mais complexa a história fornecida aos escolares em desenvolvimento típico de linguagem, mais complexo será o tipo de discurso realizado), realizamos a comparação entre os tipos de discurso produzidos para cada tipo de história fornecida utilizando o teste estatístico de Friedman que seguem descritos nas Tabelas 3 e 4.

Tabela 3: Comparação do Tipo de Discurso realizado de acordo com o tipo de história fornecida

Tipo de História/Tipo de Discurso	Média	Mediana	Desvio Padrão	Q1	Q3	N	IC	Chi-square	DF	p-valor	
Mec. I	Descritivo	0,23	0	0,6	0	0	60	0,16	88,27	2	<0,001
	Causal	2,65	3	0,8	3	3	60	0,20			
	Intencional	0,12	0	0,6	0	0	60	0,14			
Mec. II	Descritivo	0,30	0	0,5	0	1	60	0,13	94,69	2	<0,001
	Causal	2,57	3	0,7	2	3	60	0,18			
	Intencional	0,13	0	0,5	0	0	60	0,12			
Mec. Total	Descritivo	0,53	0	0,9	0	1	60	0,24	94,99	2	<0,001
	Causal	5,22	6	1,3	5	6	60	0,32			
	Intencional	0,25	0	1,0	0	0	60	0,24			
Comp. I	Descritivo	0,52	0	0,7	0	1	60	0,18	53,12	2	<0,001
	Causal	2,08	2	0,9	2	3	60	0,23			
	Intencional	0,40	0	0,8	0	0	60	0,21			
Comp. II	Descritivo	0,28	0	0,6	0	0	60	0,14	66,27	2	<0,001
	Causal	2,25	2	0,9	2	3	60	0,22			
	Intencional	0,47	0	0,7	0	1	60	0,18			
Comp. Total	Descritivo	0,80	1	1,0	0	1	60	0,25	67,21	2	<0,001
	Causal	4,33	5	1,4	3	5	60	0,37			
	Intencional	0,87	0	1,2	0	1	60	0,31			
Intencional	Descritivo	0,23	0	0,5	0	0	60	0,13	54,22	2	<0,001
	Causal	2,10	2	1,0	1	3	60	0,24			
	Intencional	0,65	0	0,9	0	1	60	0,24			

Legenda:

Mec. I – Mecânica I; Mec. II – Mecânica II; Mec. Total – Mecânica Total; Comp. I – Comportamental I; Comp. II – Comportamental II; Comp. Total – Comportamental Total.

\* p-valores considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.

Tabela 4: P-valores da tabela 3

	Descritivo	Causal
Mecânica I	Causal	<0,001
	Intencional	0,281 <0,001
Mecânica II	Causal	<0,001
	Intencional	0,042 <0,001
Mecânica Total	Causal	<0,001
	Intencional	0,036 <0,001
Comportamental I	Causal	<0,001
	Intencional	0,441 <0,001
Comportamental II	Causal	<0,001
	Intencional	0,133 <0,001
Comportamental Total	Causal	<0,001
	Intencional	0,995 <0,001
Intencional	Causal	<0,001
	Intencional	0,006 <0,001

Legenda:

\* p-valores considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.

Como apontado nas Tabelas 3 e 4, há diferenças estatisticamente significantes entre os tipos de discursos apresentados em relação ao tipo de história fornecida.

Considerando as histórias mecânicas, verificamos que o discurso causal é o predominante, seguido pelo descritivo e por último o intencional. Para as histórias comportamentais e intencionais temos o discurso causal de forma predominante seguido do intencional e descritivo respectivamente.



## DISCUSSÃO

---

Apresentaremos a seguir a discussão dos dados obtidos em nossos resultados, com base nas hipóteses formuladas, e as questões descritas na literatura.

De acordo com os resultados obtidos, a HIPÓTESE 1 (H1 - Não haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares em desenvolvimento típico para a tarefa de ordenação temporal) foi confirmada.

Dessa forma, não houve diferença estatística entre a faixa etária estudada (sete a dez anos) no desempenho na tarefa de ordenação temporal. Sendo assim, aos sete anos a criança parece já apresentar competência para organizar temporalmente cenas, visto que nesta idade observa-se habilidade para marcação temporal inclusive na produção discursiva.

Meira (1977) ressaltou sobre a evidência de dados cronológicos nas narrativas de crianças com seis anos.

Estudos realizados com crianças na faixa etária entre quatro e seis anos ressaltaram êxito na tarefa de ordenação temporal de figuras que compõem histórias (Piccoloto, 1981; Baron-Cohen et al., 1986; Cassavia, 1995; Liebenritt, 1998; Artoni, 2001).

A HIPÓTESE 2 (H2 - Haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares em desenvolvimento típico em relação ao tipo de discurso realizado) foi confirmada, já que verificamos que com o aumento da idade houve diminuição do tipo de discurso descritivo e aumento do tipo de discurso intencional.

Os resultados concordam com estudos que referem que com o aumento da idade e conseqüente aumento da argumentação advindo da maior experiência, as narrativas tanto orais quanto escritas tendem a se tornar maiores e mais complexas tanto sintática como episodicamente, incluindo mais informações a respeito da emoção (Bamberg e Damrad-Frye, 1991; Liles, 1993; Ukrainetz, 2005; Nippold et al., 2009).

Analisando os resultados verificamos que a HIPÓTESE 3 (H3 - Quanto mais complexa a história fornecida aos escolares em desenvolvimento típico de linguagem, mais complexo será o tipo de discurso realizado) foi confirmada.

Observamos que com o aumento da complexidade das histórias fornecidas houve aumento do tipo de discurso intencional e diminuição do tipo de discurso descritivo.

Estes dados corroboram outros estudos que na busca do melhor material para a avaliação da narrativa testaram muitos instrumentos que propiciassem a elaboração discursiva e evidenciaram a interferência do material gráfico nos resultados dos tipos de discurso desenvolvidos (Reilly et al., 2004; Pankratz et al., 2007; Ucelli e Paéz, 2007).

## CONCLUSÃO

---

A partir dos nossos achados, temos que a capacidade de ordenação temporal já está desenvolvida aos sete anos, já que não houve diferença no desempenho nesta tarefa na faixa etária de sete a dez anos. No entanto, os tipos de discurso realizados também nesta mesma faixa etária sofrem influência da idade e do tipo de história fornecida, ou seja, com o aumento da idade, as crianças tendem a realizar discursos mais complexos como o tipo intencional e diminuem o uso de discursos mais simples como o tipo descritivo. Além disso, o tipo de história fornecida facilita o uso de discursos mais ou menos complexos.

Este estudo traz considerações importantes acerca do processo avaliativo da narrativa em crianças com desenvolvimento típico de linguagem e nos permite pensar a respeito do melhor material adequado para avaliação deste aspecto da linguagem.

**ESTUDO 2 – Organização e narração de histórias por escolares com  
Distúrbio Específico de Linguagem (DEL)**

---

## Resumo

Este estudo investigou a ordenação temporal de figuras e o tipo de discurso produzido por escolares falantes do Português Brasileiro com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL) e comparou o desempenho destes com o de escolares em desenvolvimento típico de linguagem (DTL). Vinte escolares com DEL e sessenta com DTL, entre sete e dez anos, ordenaram figuras que compunham quinze histórias e as narraram. As histórias foram classificadas quanto ao tipo de discurso enunciado (Descritivo, Causal e Intencional) e foi realizada a pontuação em relação à ordenação temporal. Os resultados revelaram que os grupos se diferenciaram em ambos os aspectos. No grupo com DEL não houve diferença entre as faixas etárias estudadas, o tipo de discurso apresentado não sofreu influência do aumento da complexidade das histórias, e a narrativa foi menos elaborada que no grupo DTL. Estes dados evidenciam as dificuldades na produção discursiva nos sujeitos com DEL.

Palavras-Chave: Fonoaudiologia; Desenvolvimento da Linguagem; Transtornos do Desenvolvimento da Linguagem; Narração.

Key-Words: Speech, Language and Hearing Sciences; Language Development; Language Development Disorders; Narration

## INTRODUÇÃO

---



A produção narrativa envolve coordenação de habilidades morfossintáticas e semânticas dentro de um sistema que inclui considerações pragmáticas e convenções culturais, governando como a informação deve ser apresentada dentro do contexto para informar adequadamente o ouvinte (Paul e Smith, 1993; Hughes et al., 1997; Fey et al., 2004; Price et al., 2006).

Os estudos indicam que em tarefas de narrativa, os falantes tendem a ser mais naturais e fazem uso de diversas habilidades linguísticas. Como consequência disso, a análise da *performance* em tarefas de narrativa permite maior interação entre os vários níveis de processamento, ou seja, possibilita uma análise detalhada das habilidades lexicais, morfológicas e sintáticas, podendo assim destacar os deficit de processamento de crianças com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL), o que pode não ficar evidente em análises tradicionais, como as provas específicas de cada habilidade isolada (Marini et al., 2007a; Marini et al., 2007b).

Muitos estudos mostraram que as habilidades narrativas de crianças com DEL e em desenvolvimento típico de linguagem diferem significativamente (Bishop e Edmundson 1987, Merrit e Liles 1987, Botting 2002, Norbury e Bishop, 2003).

Crianças com DEL produzem histórias com menor complexidade sintática, frases com extensão reduzida, organização pobre e similar a crianças em faixa etária inferior (Leinonen et al., 2000).

De maneira geral, os estudos mostram que as narrativas produzidas por sujeitos com DEL tendem a ser menores (Strong e Shaver, 1991; Scott e

Windsor, 2000; Fey et. al., 2004), sintaticamente simples, com presença de maior número de erros gramaticais, e menor diversidade e sofisticação vocabular (Liles e Purcell, 1987; Gillam e Johnston, 1992; Scott e Windsor, 2000; Greenhalgh e Strong, 2001; Fey et al., 2004; Luo e Timler, 2008). Os sujeitos com DEL apresentam menor adequação de coesão, mais episódios incompletos, e menor elaboração episódica (Liles, 1985; Liles, 1987; Merritt e Liles, 1987; Strong e Shaver, 1991; Purcell e Liles, 1992; Paul et. al., 1996; Ukrainetz et. al., 2005; Ukrainetz e Gillam, 2009). Portanto, ficam evidentes as diferenças quantitativas e qualitativas entre as narrativas produzidas por sujeitos com DEL em comparação a seus pares em desenvolvimento típico de linguagem (Gillam e McFadden, 1994; Fey et al., 2004; Newman e McGregor, 2006).

## OBJETIVOS

---

O objetivo geral do presente estudo foi analisar a narrativa de escolares com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL).

Para alcançar este objetivo geral, nossos objetivos específicos foram:

1) Analisar a ordenação temporal de figuras que compõem histórias de escolares com Distúrbio Específico de Linguagem;

2) Analisar se o tipo de discurso realizado por escolares com Distúrbio Específico de Linguagem difere em relação faixa etária;

3) Analisar se o tipo de discurso realizado (descritivo, causal e intencional) recebe influência pelo grau de complexidade da história fornecida nos sujeitos com DEL;

4) Comparar o desempenho dos sujeitos com Distúrbio Específico de Linguagem e em desenvolvimento típico de linguagem na tarefa de ordenação temporal;

5) Comparar o desempenho dos sujeitos com Distúrbio Específico de Linguagem e em desenvolvimento típico de linguagem em relação ao tipo de discurso realizado.

A partir dos objetivos foram traçadas algumas hipóteses descritas a seguir:

HIPÓTESE 1 (H1): Não haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares com Distúrbio Específico de Linguagem para a tarefa de ordenação temporal;

HIPÓTESE 2 (H2): Haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares com Distúrbio Específico de Linguagem em relação ao tipo de discurso realizado;

HIPÓTESE 3 (H3): Não haverá aumento de complexidade do tipo de discurso realizado quanto mais complexa a história fornecida aos escolares com Distúrbio Específico de Linguagem;

HIPÓTESE 4 (H4): Não haverá diferença no desempenho da tarefa de ordenação temporal entre os escolares com Distúrbio Específico de Linguagem e os escolares em desenvolvimento típico de linguagem;

HIPÓTESE 5 (H5): Haverá diferenças entre os escolares com Distúrbio Específico de Linguagem e em desenvolvimento típico de linguagem quanto ao tipo de discurso realizado, ou seja, o Grupo Controle apresentará discursos mais complexos (causal e intencional) e o Grupo Pesquisa apresentará discurso mais simples como o descritivo.

## MÉTODO

---

***Participantes:***

Participaram deste estudo dois grupos de crianças: Grupo Controle (GC) e Grupo Pesquisa (GP), na proporção de 3-1 (controle-pesquisa).

A população estudada (GP) foi constituída por 20 crianças com diagnóstico de Distúrbio Específico de Linguagem com idade entre sete e dez anos, em atendimento fonoaudiológico semanal no Laboratório de Investigações Fonoaudiológicas em Alterações do Desenvolvimento de Linguagem (LIF ADL) do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

O grupo controle (GC) foi formado por 60 crianças sem alterações de linguagem, com idade entre sete e dez anos de idade, selecionadas em uma Escola Estadual, localizada na Zona Oeste da Cidade de São Paulo, pareadas por faixa etária.

Os grupos (Pesquisa e Controle) foram divididos em subgrupos por faixa etária e seguem detalhados nos Quadros 1 e 2.

Quadro 1: Distribuição dos subgrupos derivados do Grupo Pesquisa

<b>Subgrupos</b>	<b>N</b>	<b>Idade Cronológica</b>
<b>SbP I</b>	05	7;0 – 7;11
<b>SbP II</b>	05	8,0 – 8;11
<b>SbP III</b>	05	9;0 – 9;11
<b>SbP IV</b>	05	10;0 – 10;11

Quadro 2: Distribuição dos subgrupos derivados do Grupo Controle

<b>Subgrupos</b>	<b>N</b>	<b>Idade Cronológica</b>
<b>SbC I</b>	15	7;0 – 7;11
<b>SbC II</b>	15	8,0 – 8;11
<b>SbC III</b>	15	9;0 – 9;11
<b>SbC IV</b>	15	10;0 – 10;11

Os critérios de seleção para o GC foram: ausência de queixa ou tratamento fonoaudiológico anterior e desempenho escolar satisfatório segundo as professoras. Além disso, deveriam apresentar desempenho adequado na prova de Fonologia (Wertzner, 2004) (ANEXO C) e em tarefas que envolviam consciência fonológica e leitura e escrita (Andrade et al., 1997) (ANEXO D e ANEXO E).

Os responsáveis por todos os sujeitos autorizaram sua inclusão como participantes da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa – CAPPesq da Diretoria Clínica do



Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sob o número 0666/07 (ANEXO B).

***Procedimento:***

Para eliciar as narrativas foi utilizada uma série de 15 histórias, representadas por figuras, compostas por quatro cenas cada. Baron-Cohen, Leslie e Frith (1986) classificaram as histórias em mecânicas, comportamentais e intencionais, segundo as relações envolvidas entre as personagens.

A classificação que utilizamos (Baron-Cohen, Leslie e Frith, 1986) segue abaixo:

- Mecânica I – Objetos interagindo casualmente, uns com os outros;
- Mecânica II – Pessoas e objetos atuando casualmente uns com os outros;
- Comportamental I – Uma pessoa atuando em situações rotineiras, que não requerem atribuição de estados mentais;
- Comportamental II – Pessoa atuando em situações sociais rotineiras, envolvendo mais de uma pessoa, que não requerem atribuição de estados mentais;
- Intencional – Pessoa atuando em atividades diárias que requerem atribuição de estados mentais;

Perissinoto (2003), a partir das classificações descritas acima, elaborou as 15 histórias, bem como sua representação em desenhos, que utilizamos no presente estudo (ANEXO F).

A pesquisadora explicava aos participantes do estudo que as sequências de figuras formavam uma história. A primeira cena de cada história era identificada, e, a partir da compreensão de todos os seus elementos, as outras três figuras eram fornecidas para a organização da sequência de figuras. Após a organização das figuras realizada pela criança, a avaliadora solicitava que o participante narrasse a história.

Foi elaborado o Protocolo para anotação da ordem das figuras organizada pelas crianças participantes do estudo (ANEXO G).

Visando eliminar variáveis como o déficit na memória de curto termo, as figuras ficaram visíveis para a criança durante todo o tempo em que a criança narrava.

As histórias foram aplicadas com os sujeitos com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL) e com o grupo controle. A narração das histórias foi gravada em gravador digital Sony e, posteriormente, transcrita e analisada pela pesquisadora responsável pelo estudo.

Foi realizado o Teste de Confiabilidade (Cohen, 1960) em que 3 juízes, pós-graduandos fonoaudiólogos analisaram 25% da amostra de ambos os grupos estudados (Pesquisa e Controle). Para as amostras analisadas o grau de concordância obtido foi superior a 0.80, ou seja, alto grau de concordância.

### ***Análise dos dados:***

Para a análise dos resultados, foram utilizados os seguintes critérios de acordo com Baron-Cohen, Leslie e Frith (1986):

**1. Ordenação temporal das figuras** – Foram atribuídos 2 pontos às ordenações corretas, 1 ponto quando as figuras 2 e 3 da história encontravam-se invertidas, e 0 ponto para quaisquer outras organizações;

### **2. Tipo de discurso**

a. ***Descritivo*** – Não há presença de conectivos que estabeleçam uma relação sequencial entre as cenas. Incluímos nesse critério narrativas em que as figuras foram descritas separadamente, sendo a constituição de uma história notada apenas semanticamente; ou o uso de conectivos estabelece uma relação aditiva entre as cenas, sem fazer relação direta entre os acontecimentos narrados em uma cena e na subsequente;

b. ***Causal*** – Uso de expressões que não as determinantes diretas de causa, mas que expressam relação de causalidade. Foram incluídas nesse critério as narrativas que se utilizavam de conjunções aditivas com valor causal, de expressões que

demonstrassem que um acontecimento ocorreu apenas em virtude de outro (“fazer algo para”); ou o uso de conjunções causais ou explicitação do agente causador;

c. **Intencional** – Uso de interjeições ou expressões não linguísticas que expressem desejo ou sentimento da personagem; ou há a expressão de estados mentais das personagens, através da atribuição ou do uso de verbos que expressam desejo, ou quando a fala da personagem é narrada na forma de discurso direto;

Caso ocorresse em uma mesma narrativa mais de um tipo de discurso, a classificação era feita de acordo com o tipo de narrativa mais complexa, segundo a ordem acima descrita.

## RESULTADOS

---

Antes de iniciarmos com os resultados, vamos definir para este trabalho um nível de significância de 0,05 (5%). Lembramos que os intervalos de confiança foram de 95% de confiança estatística.

Temos de ressaltar que estamos utilizando testes não paramétricos, pois as suposições iniciais para se utilizar testes paramétricos, como a normalidade da distribuição e a homocedasticidade (homogeneidade das variâncias), não foram consideradas satisfeitas. Desta forma, tivemos de optar pela utilização de testes não paramétricos.

Para testar a Hipótese 1 (Não haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares com Distúrbio Específico de Linguagem para a tarefa de ordenação temporal) e a Hipótese 2 (Haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares com Distúrbio Específico de Linguagem em relação ao tipo de discurso realizado), foi realizada a comparação entre os desempenhos dos sujeitos nas diferentes faixas etárias na tarefa de ordenação temporal e quanto ao tipo de discurso realizado utilizando o teste estatístico de Kruskal-Wallis. Os dados dos desempenhos seguem descritos na tabela 1.

Tabela 1: Comparação entre as faixas etárias quanto ao Tipo de Discurso (Descritivo, Causal e Intencional) e Ordenação Temporal no Grupo Pesquisa

Pesquisa	Média	Mediana	Desvio Padrão	Q1	Q3	N	IC	Chi-square	DF	p-valor
Descritivo	7 anos	0,96	1	0,8	0	2	25	0,93	3	0,817
	8 anos	1,16	1	1,0	0	2	25			
	9 anos	1,28	1	1,1	0	2	25			
	10 anos	1,16	1	1,0	0	2	25			
Causal	7 anos	1,92	2	0,9	1	3	25	3,70	3	0,296
	8 anos	1,64	2	1,0	1	2	25			
	9 anos	1,36	1	1,1	1	2	25			
	10 anos	1,60	2	1,1	1	2	25			
Intencional	7 anos	0,12	0	0,3	0	0	25	0,92	3	0,821
	8 anos	0,24	0	0,5	0	0	25			
	9 anos	0,36	0	0,9	0	0	25			
	10 anos	0,20	0	0,5	0	0	25			
Ordenação Temporal	7 anos	4,84	5	1,3	4	6	25	5,52	3	0,138
	8 anos	4,92	6	1,7	4	6	25			
	9 anos	5,44	6	1,0	5	6	25			
	10 anos	5,40	6	1,0	4	6	25			

Verificamos que não houve diferenças estatisticamente significantes entre as faixas etárias em relação à tarefa de ordenação temporal e ao tipo de discurso nos sujeitos com Distúrbio Específico de Linguagem (Grupo Pesquisa).

Visando testar a Hipótese 3 (H3 – Não haverá aumento de complexidade do tipo de discurso realizado quanto mais complexa a história fornecida aos escolares com Distúrbio Específico de Linguagem), comparamos os discursos realizados pelos sujeitos com Distúrbio Específico de Linguagem para cada tipo de história fornecida (Mecânicas I, II, Mecânicas total, Comportamental I, II e Comportamental total e Intencional) . Para tanto foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis.

Tabela 2: Comparação do Tipo de Discurso realizado de acordo com o tipo de história fornecida no Grupo Pesquisa

Pesquisa		Média	Mediana	Desvio Padrão	Q1	Q3	N	IC	Chi-square	DF	p-valor
Mec. I	Descritivo	1,05	1	1,1	0	2	20	0,50	19,68	2	<0,001
	Causal	1,95	2	1,1	1	3	20	0,50			
	Intencional	0,00	0	0,0	0	0	20	- x -			
Mec. II	Descritivo	1,20	1	0,8	1	1	20	0,37	27,44	2	<0,001
	Causal	1,80	2	0,8	2	2	20	0,37			
	Intencional	0,00	0	0,0	0	0	20	- x -			
Mec. Total	Descritivo	2,25	1	1,6	1	4	20	0,71	30,82	2	<0,001
	Causal	3,75	5	1,6	2	5	20	0,71			
	Intencional	0,00	0	0,0	0	0	20	- x -			
Comp. I	Descritivo	1,40	2	0,9	1	2	20	0,39	15,15	2	0,001
	Causal	1,35	1	0,8	1	2	20	0,36			
	Intencional	0,25	0	0,6	0	0	20	0,24			
Comp. II	Descritivo	1,15	1	1,0	0	2	20	0,43	12,63	2	0,002
	Causal	1,60	2	1,0	1	2	20	0,46			
	Intencional	0,30	0	0,5	0	1	20	0,21			
Comp. Total	Descritivo	2,55	3	1,7	1	4	20	0,75	19,55	2	<0,001
	Causal	2,95	3	1,7	2	4	20	0,73			
	Intencional	0,55	0	0,9	0	1	20	0,39			
Intencional	Descritivo	0,90	1	1,1	0	2	20	0,47	5,16	2	0,076
	Causal	1,45	2	1,1	0	2	20	0,50			
	Intencional	0,60	0	1,0	0	1	20	0,44			

**Legenda:**

Mec. I – Mecânica I; Mec. II – Mecânica II; Mec. Total – Mecânica Total; Comp. I – Comportamental I; Comp. II – Comportamental II; Comp. Total – Comportamental Total.

\* p-valores considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.

# p-valores que por estarem próximos do limite de aceitação, são considerados que tendem a ser significativos.

- x -, quando não foi possível utilizar a estatística.



Tabela 3: P-valores da Tabela 2

		Descritivo	Causal
Mecânica I	Causal	0,093	
	Intencional	0,003	<0,001
Mecânica II	Causal	0,076	
	Intencional	<0,001	<0,001
Mecânica Total	Causal	0,025	
	Intencional	<0,001	<0,001
Comportamental I	Causal	0,800	
	Intencional	0,003	0,001
Comportamental II	Causal	0,310	
	Intencional	0,005	0,002
Comportamental Total	Causal	0,660	
	Intencional	0,002	<0,001
Intencional	Causal		
	Intencional		

**Legenda:**

\* p-valores considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.

# p-valores que por estarem próximos do limite de aceitação, são considerados que tendem a ser significativos.

Tabela 4: Teste Z das comparações por meio do teste de Wilcoxon da

Tabela 3

		Z	Descritivo	Causal
Mecânica I	Causal	-1,68		
	Intencional	-2,97		-3,69
Mecânica II	Causal	-1,77		
	Intencional	-3,78		-3,86
Mecânica Total	Causal	-2,25		
	Intencional	-3,89		-3,98
Comportamental I	Causal	-0,25		
	Intencional	-3,00		-3,27
Comportamental II	Causal	-1,01		
	Intencional	-2,81		-3,15
Comportamental Total	Causal	-0,44		
	Intencional	-3,11		-3,48
Intencional	Causal			
	Intencional			

Como apontado nas Tabelas 2, 3 e 4, não há diferenças estatisticamente significantes entre os tipos de discursos apresentados em relação ao tipo de história fornecida, já que para todas as sequências

fornecidas o discurso causal é predominante seguido do descritivo e intencional respectivamente.

Vamos iniciar os resultados entre os grupos Controle e Pesquisa para testar as Hipóteses 4 (H4 - Não haverá diferença no desempenho da tarefa de ordenação temporal entre os escolares com Distúrbio Específico de Linguagem e os escolares em desenvolvimento típico de linguagem) e Hipótese 5 (H5: Haverá diferenças entre os escolares com Distúrbio Específico de Linguagem em desenvolvimento típico de linguagem quanto ao tipo de discurso realizado). Nestas análises utilizaremos o teste de Mann-Whitney e faremos as comparações dos grupos considerando todas as faixas etárias, já que verificamos não haver diferenças estatisticamente significantes entre as faixas etárias estudadas quanto ao tipo de discurso e na tarefa de ordenação temporal para cada grupo (Pesquisa e Controle) quando estes foram analisados separadamente.

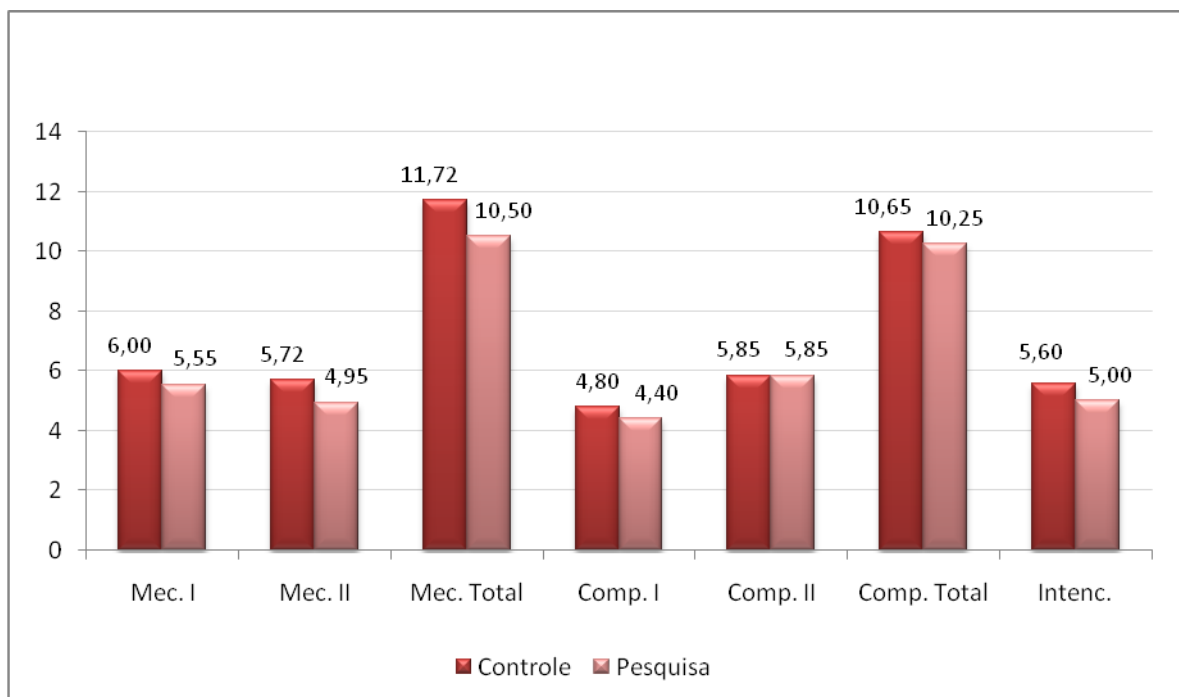
Tabela 5: Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) na tarefa de Ordenação Temporal

Ordenação Temporal		Média	Mediana	Desvio Padrão	Q1	Q3	N	IC	MW-U	p-valor
Mecânica I	Controle	6,00	6	0,0	6	6	60	- x -	480	<0,001
	Pesquisa	5,55	6	1,4	6	6	20	0,59		
Mecânica II	Controle	5,72	6	0,6	6	6	60	0,14	376	0,002
	Pesquisa	4,95	5	1,3	4	6	20	0,56		
Mecânica Total	Controle	11,72	12	0,6	12	12	60	0,14	312	<0,001
	Pesquisa	10,50	11	2,4	10	12	20	1,05		
Comportamental I	Controle	4,80	5	1,3	4	6	60	0,33	497	0,233
	Pesquisa	4,40	5	1,4	3	6	20	0,61		
Comportamental II	Controle	5,85	6	0,4	6	6	60	0,11	583	0,742
	Pesquisa	5,85	6	0,4	6	6	20	0,16		
Comportamental Total	Controle	10,65	11	1,5	10	12	60	0,39	496	0,231
	Pesquisa	10,25	10	1,5	9	12	20	0,67		
Intencional	Controle	5,60	6	0,8	6	6	60	0,20	453	0,037
	Pesquisa	5,00	6	1,3	4	6	20	0,59		

**Legenda:**

\* p-valores considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.  
 - x -, quando não foi possível utilizar a estatística.

Gráfico 1: Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação à Ordenação Temporal



Legenda:

Mec. I – Mecânica I; Mec. II – Mecânica II; Mec. Total – Mecânica Total; Comp. I – Comportamental I; Comp. II – Comportamental II; Comp. Total – Comportamental Total; Intenc. – Intencional.

Observamos que nas sequências Mecânicas (I e II) e Intencional existe diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Podemos notar que nestes resultados significativos, o Grupo Controle possui resultado maior do que o Pesquisa na tarefa de ordenação temporal.

Tabela 6: Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação ao Tipo de Discurso

Tipo de Discurso		Média	Mediana	Desvio Padrão	Q1	Q3	N	IC	MW-U	p-valor			
Mec. I	Descritivo	Cont	0,23	0	0,6	0	0	60	0,16	348	<0,001		
		Pesq	1,05	1	1,1	0	2	20	0,50				
	Causal	Cont	2,65	3	0,8	3	3	60	0,20			383	0,002
		Pesq	1,95	2	1,1	1	3	20	0,50				
	Intencional	Cont	0,12	0	0,6	0	0	60	0,14			570	0,311
		Pesq	0,00	0	0,0	0	0	20	- x -				
Mec. II	Descritivo	Cont	0,30	0	0,5	0	1	60	0,13	225	<0,001		
		Pesq	1,20	1	0,8	1	1	20	0,37				
	Causal	Cont	2,57	3	0,7	2	3	60	0,18			280	<0,001
		Pesq	1,80	2	0,8	2	2	20	0,37				
	Intencional	Cont	0,13	0	0,5	0	0	60	0,12			540	0,144
		Pesq	0,00	0	0,0	0	0	20	- x -				
Mec. Total	Descritivo	Cont	0,53	0	0,9	0	1	60	0,24	188	<0,001		
		Pesq	2,25	1	1,6	1	4	20	0,71				
	Causal	Cont	5,22	6	1,3	5	6	60	0,32			245	<0,001
		Pesq	3,75	5	1,6	2	5	20	0,71				
	Intencional	Cont	0,25	0	1,0	0	0	60	0,24			540	0,144
		Pesq	0,00	0	0,0	0	0	20	- x -				
Comp. I	Descritivo	Cont	0,52	0	0,7	0	1	60	0,18	281	<0,001		
		Pesq	1,40	2	0,9	1	2	20	0,39				
	Causal	Cont	2,08	2	0,9	2	3	60	0,23			332	0,002
		Pesq	1,35	1	0,8	1	2	20	0,36				
	Intencional	Cont	0,40	0	0,8	0	0	60	0,21			572	0,664
		Pesq	0,25	0	0,6	0	0	20	0,24				
Comp. II	Descritivo	Cont	0,28	0	0,6	0	0	60	0,14	289	<0,001		
		Pesq	1,15	1	1,0	0	2	20	0,43				
	Causal	Cont	2,25	2	0,9	2	3	60	0,22			384	0,011
		Pesq	1,60	2	1,0	1	2	20	0,46				
	Intencional	Cont	0,47	0	0,7	0	1	60	0,18			545	0,466
		Pesq	0,30	0	0,5	0	1	20	0,21				
Comp. Total	Descritivo	Cont	0,80	1	1,0	0	1	60	0,25	243	<0,001		
		Pesq	2,55	3	1,7	1	4	20	0,75				
	Causal	Cont	4,33	5	1,4	3	5	60	0,37			318	0,001
		Pesq	2,95	3	1,7	2	4	20	0,73				
	Intencional	Cont	0,87	0	1,2	0	1	60	0,31			523	0,337
		Pesq	0,55	0	0,9	0	1	20	0,39				
Intenc.	Descritivo	Cont	0,23	0	0,5	0	0	60	0,13	392	0,003		
		Pesq	0,90	1	1,1	0	2	20	0,47				
	Causal	Cont	2,10	2	1,0	1	3	60	0,24			405	0,023
		Pesq	1,45	2	1,1	0	2	20	0,50				
	Intencional	Cont	0,65	0	0,9	0	1	60	0,24			578	0,773
		Pesq	0,60	0	1,0	0	1	20	0,44				

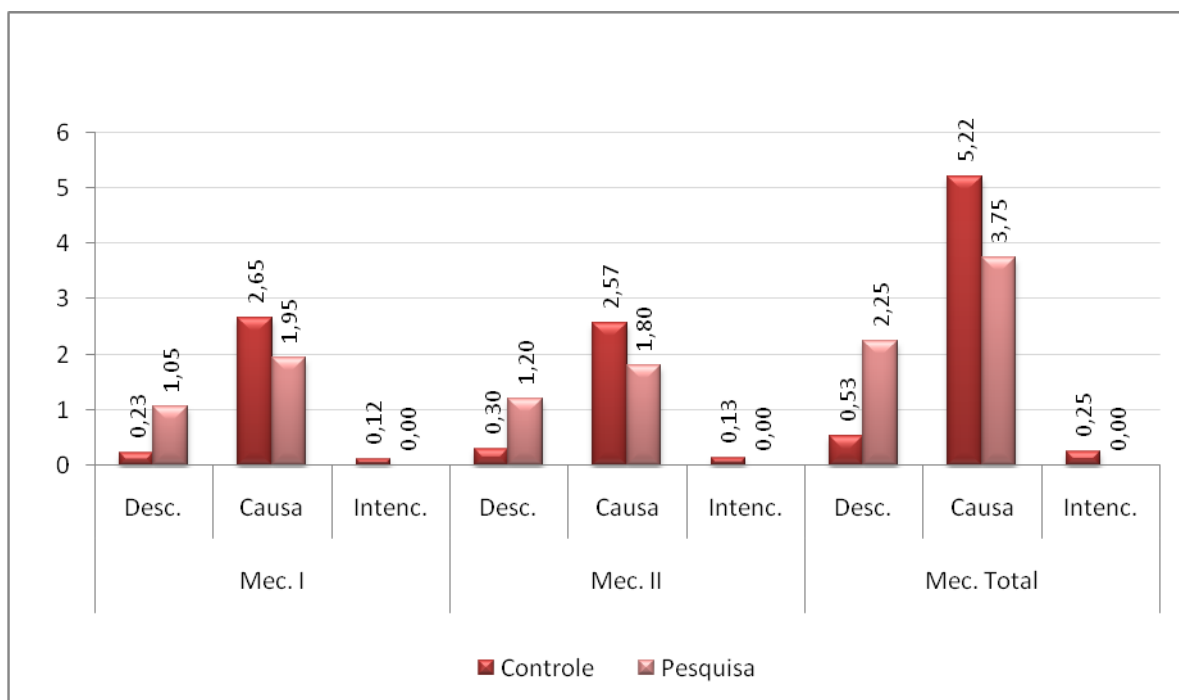
**Legenda:**

Mec. I – Mecânica I; Mec. II – Mecânica II; Mec. Total – Mecânica Total; Comp. I – Comportamental I; Comp. II – Comportamental II; Comp. Total – Comportamental Total; Cont – Controle; Pesq – Pesquisa.

\* p-valores considerados estatisticamente significativos perante o nível de significância adotado.

- x -, quando não foi possível utilizar a estatística.

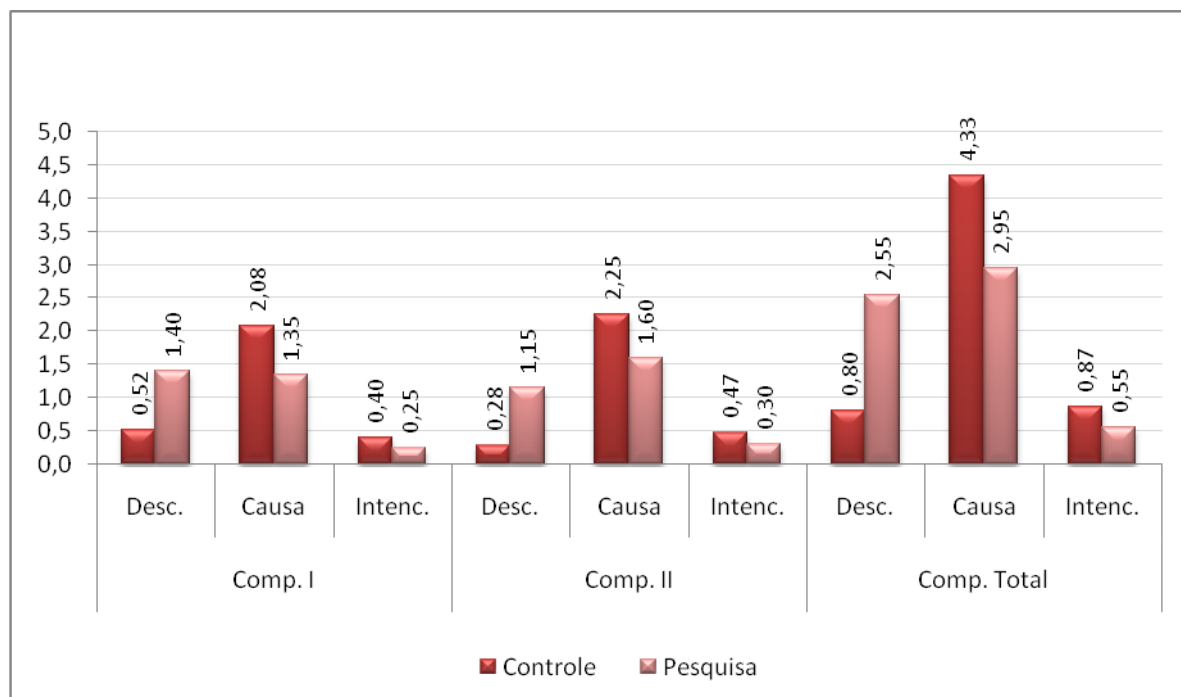
Gráfico 2: Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação ao Tipo de Discurso nas histórias mecânicas



**Legenda:**

Desc. – Descritivo; Causa – Causal; Intenc. – Intencional; Mec. I – Mecânica I; Mec. II – Mecânica II; Mec. Total – Mecânica Total

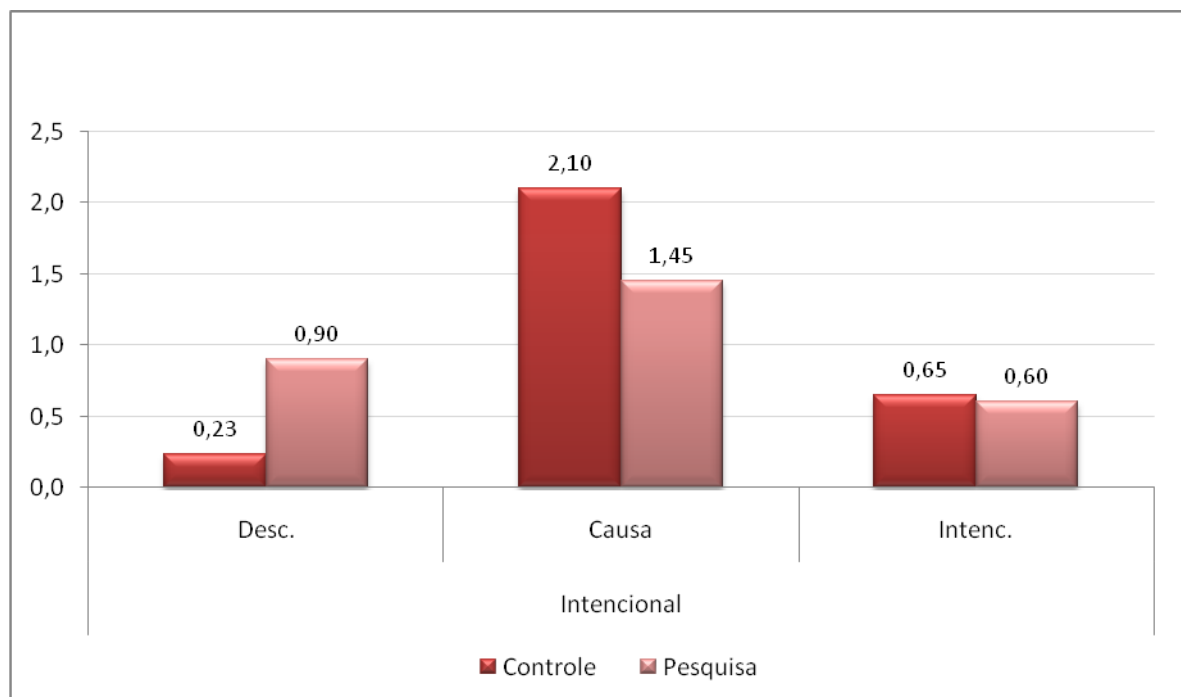
Gráfico 3: Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação ao Tipo de Discurso nas histórias comportamentais



**Legenda:**

Desc. – Descritivo; Causa – Causal; Intenc. – Intencional; Comp. I – Comportamental I; Comp. II – Comportamental II; Comp. Total – Comportamental Total.

Gráfico 4: Comparação entre os Grupos (Pesquisa e Controle) em relação ao Tipo de Discurso nas histórias intencionais



**Legenda:**

Desc. – Descritivo; Causa – Causal; Intenc. – Intencional

Concluimos que em diversas comparações, as diferenças entre os grupos são estatisticamente significantes. Notamos que basicamente as diferenças são significantes para os resultados dos discursos Descritivo e Causal, em que verificamos que o Grupo Controle tem resultados menores do tipo de discurso Descritivo quando comparado ao Grupo Pesquisa.

Já quanto ao tipo de discurso Causal, em que também encontramos significância, podemos verificar que o Grupo Controle é que possui os maiores resultados. Como dissemos (indiretamente), em Intencional não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos.



## DISCUSSÃO

---

Apresentaremos a seguir a discussão dos dados obtidos em nossos resultados, com base nas hipóteses formuladas, e as questões descritas na literatura.

É importante ressaltar que as Hipóteses 1 e 4, assim como as Hipóteses 2 e 5, serão analisadas e discutidas em conjunto para melhor entendimento dos resultados obtidos neste estudo.

Com base nos resultados, temos que a Hipótese 1 (H1- Não haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares com Distúrbio Específico de Linguagem para a tarefa de ordenação temporal) foi confirmada.

E a Hipótese 4 (H4 - Não haverá diferença no desempenho da tarefa de ordenação temporal entre os escolares com Distúrbio Específico de Linguagem e os escolares em desenvolvimento típico de linguagem) não foi confirmada;

Sendo assim, verificamos que quando analisamos o desempenho dos sujeitos com DEL nas diferentes faixas etárias, não há diferença estatisticamente significativa entre os grupos na tarefa de ordenação temporal. No entanto, quando comparamos o desempenho dos sujeitos com DEL com os sujeitos em desenvolvimento típico de linguagem nesta mesma tarefa, verificamos que há diferença estatisticamente significativa.

Acreditávamos que não haveria diferença entre as faixas etárias para o grupo com DEL pelo fato da habilidade de ordenação temporal ser uma tarefa não linguística e por ela já se mostrar presente em sujeitos em

desenvolvimento típico de linguagem antes dos sete anos de idade como verificamos no Estudo I.

Muitos estudos mostram que crianças com DEL não apresentam dificuldades em realizar tarefas não linguísticas testadas, por exemplo, em testes não verbais de inteligência, sendo este, inclusive, critério de inclusão para esta patologia (Stark e Tallal, 1981; Crespo-Eguílaz e Narbona, 2003).

Estes resultados podem ser justificados pelo fato de que apesar da ordenação temporal de figuras ser uma tarefa não linguística, ela requer habilidades que envolvem a produção narrativa, tarefa em que os sujeitos com DEL apresentam grandes dificuldades como citado em estudos realizados por McFadden e Gillam (1996) e Newman e McGregor (2006), já que é necessário perceber a sequência dos eventos expressos nas representações gráficas para compor as sequências na ordem correta.

De acordo com os resultados obtidos, a Hipótese 3 (H3 - Não haverá aumento de complexidade do tipo de discurso realizado quanto mais complexa a história fornecida aos escolares com Distúrbio Específico de Linguagem) foi confirmada.

Os resultados obtidos corroboram outros estudos que referem que as narrativas produzidas por crianças com DEL apresentam frases com estrutura sintática simples, ausência de marcadores temporais e emprego reduzido de elementos que conferem coesão como as conjunções (Ukrainetz et al., 2005; Nippold et al., 2008). Além disso, pesquisas mostram que apesar do uso de materiais que pudessem facilitar a produção narrativa como as sequências lógico-temporais, usadas neste estudo, não houve a

produção de narrativas mais complexas. Portanto estes sujeitos parecem não se beneficiar destes facilitadores (Ward-Lonergan et al, 1999; Scott e Windsor, 2000; Marinellie, 2004; Bishop e Donlan, 2005; Nippold et al, 2008).

Pudemos observar que a Hipótese 2 (H2 - Haverá diferença entre as faixas etárias estudadas em escolares com Distúrbio Específico de Linguagem em relação ao tipo de discurso realizado) não foi confirmada.

Já a Hipótese 5 (H5 - Haverá diferenças entre os escolares com Distúrbio Específico de Linguagem e em desenvolvimento típico de linguagem quanto ao tipo de discurso realizado, ou seja, o Grupo Controle apresentará discursos mais complexos - causal e intencional - e o Grupo Pesquisa apresentará discurso mais simples como o descritivo) foi confirmada

Portanto, temos que quando analisamos o desempenho dos sujeitos com DEL nas diferentes faixas etárias estudadas não verificamos diferenças estatisticamente significantes em relação ao tipo de discurso.

Tomamos como hipótese que haveria diferença entre os tipos de discurso realizados pelas diferentes faixas etárias do grupo com DEL pelo fato dos sujeitos com nove e dez anos estarem em terapia fonoaudiológica há mais tempo que os sujeitos com sete e oito anos de idade. Por outro lado, os sujeitos mais velhos apresentam quadro linguístico com maior comprometimento dos subsistemas da linguagem e por este motivo podemos justificar os achados do nosso estudo.

Como dito anteriormente, houve diferenças estatisticamente significantes entre os grupos estudados (Controle e Pesquisa) em relação aos tipos de discurso realizados.

Esses dados corroboram outros estudos, em que crianças com DEL produziram histórias menores, com menos coesão e com muitos erros de sintaxe, semântica e morfologia devido aos deficit linguísticos que caracterizam esses sujeitos (Merritt e Liles, 1987; Liles et al., 1995; Norbury e Bishop, 2003).

Newman e MacGregor (2006) apontaram que estruturalmente, a narrativa produzida pelas crianças com DEL e crianças com desenvolvimento típico diferiram em diversos aspectos. As histórias produzidas por crianças com DEL foram menores, apresentaram Extensão Média do Enunciado (EME) abaixo do esperado para a faixa etária, maior proporção de frases agramaticais e número significativamente menor de elementos do enredo da história se comparadas a seus pares cronológicos com desenvolvimento típico de linguagem.

Outras pesquisas mostraram que as narrativas produzidas por crianças com DEL são caracterizadas pelo menor número de componentes gramaticais na história, baixo número de episódios completos, e pouca coesão se compararmos ao desempenho observado em seus pares cronológicos com desenvolvimento típico de linguagem (Roth e Spekman, 1986; Merrit e Liles, 1987; Gillam et al., 1995; Liles, 1995). Além disso, comparando com seus pares, as crianças com DEL produzem um número significativamente menor de sentenças sintaticamente complexas, menos

frases elaboradas e maior número de erros gramaticais. (Roth e Spekman, 1986; MacLachlan e Chapman, 1988; Gillam e Johnston, 1992; Scott e Windsor, 2000; Greenhalgh e Strong, 2001; Norbury e Bishop, 2003).

Além disso, verificamos que as crianças com DEL apresentaram menor frequência de discurso do tipo intencional se comparadas aos seus pares em desenvolvimento típico de linguagem. Estes dados corroboram estudos realizados que mostram que a habilidade sintática de produção de frases mais complexas, como as subordinadas, são importantes para a expressão do estado mental do personagem (Cassidy e Balluramen, 1997; Miller, 2001; Hale e Tager-Flusberg, 2003; Lohmann, e Tomasello, 2003; Baron-Cohen et al., 2007; Befi-Lopes et. al., 2008).

Isto mostra que as dificuldades na utilização da língua, ou seja, nas habilidades linguísticas necessárias na narração de histórias prejudicaram a expressão dos estados mentais dos personagens.

## CONCLUSÃO

---

Os resultados mostraram que os sujeitos com DEL diferem dos sujeitos em desenvolvimento típico de linguagem tanto em relação à ordenação temporal como em relação ao tipo de discurso, sendo que esses sujeitos produzem em maior quantidade discursos menos elaborados como os descritivos, e em menor quantidade os discursos mais elaborados como os intencionais.

Os deficit observados na produção narrativa em crianças com DEL apontam para as dificuldades conversacionais presentes nesses sujeitos que influenciam, dessa forma, no desenvolvimento da competência social que implica em aspectos sociais, cognitivos, acadêmicos e comportamentais.

Destacamos a importância da realização da avaliação das habilidades narrativas durante o processo diagnóstico em linguagem sempre que possível, ou mesmo durante o processo terapêutico, já que permitem ao fonoaudiólogo verificar as competências linguísticas, cognitivas e sociais dessas crianças, além de fornecer dados importantes para o encaminhamento mais efetivo do processo terapêutico.

Novos estudos com maior número de sujeitos são necessários nesta área, visando analisar a microestrutura da narrativa em sujeitos com Distúrbio Específico de Linguagem.



## CONCLUSÃO GERAL

---

Esta Dissertação teve como objetivo geral caracterizar a ordenação temporal de figuras e a narração de histórias por escolares em desenvolvimento típico de linguagem (DTL) e com Distúrbio Específico de Linguagem (DEL).

Os escolares em DTL apresentaram ordenação temporal de figuras desenvolvida aos sete anos, já que não houve diferença no desempenho dessa tarefa na faixa etária de sete a dez anos.

Observamos que os tipos de discurso (Descritivo, Causal e Intencional) realizados por escolares em DTL nessa mesma faixa etária sofrem influência da idade e do tipo de história fornecida, ou seja, com o aumento da idade as crianças tendem a realizar discursos mais complexos, como o tipo intencional, e diminuem o uso de discursos mais simples, como o tipo descritivo. Além disso, o tipo de história fornecida facilita o uso de discursos mais ou menos complexos.

Comparando os grupos em DTL e com DEL observamos haver diferença em relação ao desempenho na tarefa de ordenação temporal de figuras.

Não ocorreram diferenças estatisticamente significantes entre as faixas etárias estudadas (sete a dez anos) no grupo com DEL quanto ao tipo de discurso, assim como não observamos diferenças estatísticas quanto ao tipo de discurso quando há aumento da complexidade das sequências fornecidas.

Verificamos que ao comparar os grupos com DTL e DEL encontramos diferenças estatisticamente significantes em relação aos tipos de discurso Descritivo e Causal, e observamos que o grupo em DTL tem resultados menores do tipo de discurso Descritivo quando comparado ao grupo com DEL.

Já quanto ao tipo de discurso Causal, em que também encontramos significância, podemos verificar que o grupo em DTL é que possui os maiores resultados.

Os estudos que compuseram esta dissertação apresentam limitações a começar pela falta, no Brasil, de testes de avaliação de linguagem padronizados para as faixas etárias estudadas. Desse modo, tivemos de trabalhar com o grupo com DEL e com DTL sem considerar as faixas etárias no momento de comparar os grupos.

Vale ressaltar que o corpus obtido para a realização da dissertação é muito rico, o que possibilita a análise das narrativas num nível linguístico mais local/específico, incluindo a complexidade sintática, a produtividade da sentença (número de palavras e sentenças usadas na narrativa), e a coesão referencial (relação entre as sentenças).

## REFERÊNCIAS

---

## INTRODUÇÃO GERAL

Befi-Lopes DM, Araujo K, Giusti E. Relação entre as habilidades fonológicas e pragmáticas nos distúrbios específicos de linguagem. *Pró-fono*. 2005a;17(1):45-54.

Befi-Lopes DM, Bastos DA, Rodrigues A. A. Habilidade de organização hierárquica do sistema lexical em crianças com Distúrbio Específico de Linguagem. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2006a;11(2):82-9.

Befi-Lopes DM, Cornetto AC, Araujo K. Estudo Comparativo entre desempenho lexical e gramatical em crianças com Alteração no Desenvolvimento da Linguagem. *J Bras Fonoaudiol*. 2005b;5(21): 264-72.

Befi-Lopes DM, Gândara JP, Felisbino FS. Categorização semântica e aquisição lexical: desempenho de crianças com Alteração de Desenvolvimento de Linguagem. *Rev CEFAC*. 2006b;8(2):155-61.

Befi-Lopes DM. Avaliação, Diagnóstico e Aspectos Terapêutico nos Distúrbios Específicos de Linguagem. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO, organizadores. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Rocca; 2004. p.987-1000.

Bishop DVM. Developmental Disorders of Speech and Language. In: Rutter M, Taylor E, Hersov L, Eds. *Child and Adolescent Psychiatry*. 3rd ed. Oxford: Blackwell Scientific Publications; 1994. p. 546-68.

Bishop DVM. *Uncommon understanding: Comprehension in specific language impairment*. Hove, UK: Psychology Press; 1997.

Bortolini U, Caselli MC, Leonard LB. Grammatical deficits in Italian-speaking children with specific language impairment. *J Speech Lang Hear Res*. 1997;40: 809-20.

Bortolini U, Leonard LB. Phonology and children with specific language impairment: status of structural constraints in two languages. *J Commun Disord*. 2000;33:131-49.

Botting N. Narrative as a clinical tool for the assessment of linguistic and pragmatic impairments. *Child Lang Teach Ther*. 2002;43:917-31.

Cipriani P, Chilosi AM. Classificazione dei ritardi e disordini di acquisizione del linguaggio. In: Sabbadini G, Ed. *Manuale di Neuropsicologia dell'età evolutiva*. Bologna, Italia: Zanichelli; 1995.

Cowley J, Glasgow C. *The Renfrew Bus Story: Language screening by narrative recall—Examiner's manual*. Centreville, DE: The Centreville School;1994.

Craig HK, Evans JL. Turn exchange characteristics of SLI children's simultaneous and nonsimultaneous speech. *J Speech Hear Disord*. 1989;54:334-47.

Dickinson DK, Tabors P, Eds. *Beginning literacy with language*. Baltimore: Brookes; 2001.

Dodwell K, Bavin EL. Children with specific language impairment: an investigation of their narratives and memory. *Int J Lang Commun Disord*. 2008; 43(2):201-18.

Fey ME, Catts HW, Proctor-Williams K, Tomblin JB, Zhang X. Oral and written story composition skills of children with language impairment. *J Speech Lang Hear Res*. 2004;41:1301-18.

Gillam RB, McFadden, TU. Redefining assessment as a holistic discovery process. *J Child Commun Disord*. 1994;16: 36–40.

Gillan R, Johnston JR. Spoken and written language relationship in language/learning-impaired and normally achieving school-age children. *J Speech Lang Hear Res.* 1992;35:1303-15.

Greenhalgh KS, Strong CJ. Literate language features in spoken narratives of children with typical language and children with language impairments. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2001;32:114-25.

Griffin TM, Hemphill L, Camp L, Wolf DP. Oral discourse in the preschool years and later literacy skills. *First Lang.* 2004; 24:123–47.

Hage SRV, Guerreiro MM. Distúrbio Específico de Linguagem: Aspectos Linguísticos e Neurobiológicos. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO, organizadores. *Tratado de Fonoaudiologia.* São Paulo: Editora Rocca; 2004. p.977-86.

Hughes D, McGillivray L, Schmidek M. *Guide to narrative language: Procedures for assessment.* Eau Claire, WI: Thinking Publications; 1997.

Kernan K. Semantic and expressive elaborations in children's narratives. In: Ervin-Tripp S, Mitchell-Kernan C, Eds. *Child discourse.* New York:Academic Press;1977. p.91-102.



Labov W, Waletzky J. Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In: Helm J,Ed. *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press; 1967.

Labov W. *Language in the inner city*. Philadelphia:University of Pennsylvania Press;1972.

Leonard L. *Children with Specific Language Impairment*. Cambridge, MA: MIT Press;1998.

Leonard LB, Bortolini U. Grammatical morphology and the role of weak syllables in the speech of Italian-speaking children with specific language impairment. *J Speech Lang Hear Res*. 1998;41:1363-74.

Liles BZ. Episode organization and cohesive conjunctives in narratives of children with and without language disorder. *J Speech Hear Res*. 1987;30:185–96.

Liles BZ, Purcell S. Departures in the spoken narratives of normal and language-disordered children. *Appl Psycholinguist*. 1987;8:185–202.

Liles BZ. Cohesion in the narratives of normal and language-disordered children. *J Speech Lang Hear Res*.1985;28:123-33.

Luo F, Timler GR. Narrative organization skills in children with attention deficit hyperactivity disorder and language impairment: Application of the causal network model. *Clin Linguist Phon.* 2008; 22(1): 25–46.

Marini A, Caltagirone C, Pasqualetti P, Carlomagno S. Patterns of language retrieval in patients with non-chronic non-fluent aphasia following specific therapies. *Aphasiology.* 2007a;21:164–86.

Marini A, Lorusso ML, D'Angelo G, Civati F, Turconi AC, Fabbro F. Evaluation of narrative abilities in patients suffering from Duchenne Muscular Dystrophy. *Brain Lang.* 2007b;102: 1–12.

Marini A, Tavanob A, Fabbro F. Assessment of linguistic abilities in Italian children with Specific Language Impairment. *Neuropsychologia.* 2008;46:2816-23.

McFadden TU, Gillam R. An examination of the quality of narratives produced by children with language disorders. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 1996;27:48–57.

Merritt DD, Liles BZ. Story grammar ability in children with and without language disorder: story generation, story retelling and story comprehension. *J Speech Hear Res.* 1987;30:539-52.

Miniscalco C, Hagberg B, Kadesjo B, Westerlund M, Gillberg C. Narrative skills, cognitive profiles and neuropsychiatric disorders in 7-8 year-old children with late developing language. *Int J Lang Commun Disord.* 2007;42(6):665-81.

Newman RM, McGregor KK. Teachers and Laypersons discern quality differences between narratives produced by children with or without SLI. *J Speech Lang Hear Res.* 2006;49:1002-36.

Pankratz ME, Plante E, Vance R, Insalaco DM. The diagnostic and predictive validity of the renfew bus store. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2007;38:390-9.

Paul R, Hernandez R, Taylor L, Johnson K. Narrative development in late talkers: Early school age. *J Speech Hear Res.* 1996; 39:1295–303.

Paul R, Smith RL. Narrative skills in 4-year-olds with normal, impaired, and late-developing language. *J Speech Hear Res.* 1993; 36:572-98.

Price JR, Roberts JE, Jackson SC. Structural development of fictional narratives of African American preschoolers. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2006;3:178-90.

Puglisi ML, Befi-Lopes DM, Takiuchi N. Utilização e compreensão de preposições por crianças com Distúrbio Específico de Linguagem. *Pró-fono*, 2005;17(3): 331-44.

Purcell SL, Liles B. Cohesion repairs in the narratives of normal-language and language-disordered school-age children. *J Speech Hear Res*. 1992;35:354–62.

Scott CM, Windsor J. General language performance measures in spoken and written narrative and expository discourse of school-age children with language learning disabilities. *J Speech Lang Hear Res*. 2000;43:324-39.

Strong CJ, Shaver JP. Stability of cohesion in the spoken narratives of language-impaired and normally developing school-aged children. *J Speech Hear Res*. 1991;34:95–111.

Ukrainetz TA, Gillam RB. The expressive elaboration of imaginative narratives by children with specific language impairment. *J Speech Lang Hear Res*. 2009;52:883–98.

Ukrainetz TA, Justice LM, Kaderavek JN, Eisenberg SL, Gillam RB, Harm HM. The Development of Expressive Elaboration in Fictional Narratives. *J Speech Lang Hear Res*. 2005; 48:1363–77.

## ESTUDO I

Andrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner HF. *Manual de avaliação de linguagem do serviço de Fonoaudiologia do centro de saúde escola Samuel B. Pessoa*. São Paulo; 1997. 127f. [Publicação Interna].

Artoni AL. *Caracterização de narrativas de crianças de 5 e 6 anos: correlações entre episódios e ações* [tese]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 2001.

Bamberg M, Damrad-Frye R. On the ability to provide evaluative comments: further explorations of children's narrative competencies. *J Child Lang*. 1991;18:689-710.

Baron-Cohen S, Leslie AM, Frith U. Mechanical, Behavioural and Intencional understanding of stories in autistic children. *Br J Dev Psychol*. 1986;4:113-25.

Berman RA, Slobin DI. *Relating Livents in Narrative: A Crosslinguistic Developmental Study*. Hillside, New Jersey: Lawrence Erlbaum; 1994.

Botting N. Narrative as a clinical tool for the assessment of linguistic and pragmatic impairments. *Child Lang Teach Ther*. 2002;43:917-31.

Cassavia CPS. *Narrativa de crianças de quatro a seis anos: sequência de figuras* [monografia]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 1995.

Cohen J. A coefficient of agreement for nominal scales. *Educ Psychol Meas.* 1960; 20(1):37-46.

Genereux R, McKeough A. Developing narrative interpretation: Structural and content analyses. *British. J Educ Psychol.* 2007; 77:849–72.

Izard CE, Fine S, Schultz D, Mostow A, Ackerman B, Youngstrom, E. Emotional knowledge as a predictor of social behavior and academic competence in children at risk. *Psychol Sci.* 2001; 12:18–23.

Liebentritt EM. *Caracterização de aspectos das narrativas de crianças de cinco anos: sequências de figuras* [monografia]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo; 1997.

Liles B. Narrative discourse in children with language disorders and children with normal language: a critical review of the literature. *J Speech Hear Res.* 1993; 36:868–82.

Marsh EJ, Tversky B. Spinning the stories of our lives. *Appl Cogn Psychol.* 2004; 18:491–503.

Martens MJ. *Developmental change in the moral decision making of early adolescents and preadolescents* [thesis]. Calgary:University of Calgary; 1993.

McKeough A. A neo-structural analysis of children's narrative and its development. In: Case R, Ed. *The mind's staircase: Exploring the conceptual underpinnings of children's thought and knowledge*. Hillsdale, NJ: Erlbaum;1992.p.171-88.

McKeough A. Building on the oral tradition: How story composition and comprehension develop. In: Astington J, Ed. *Minds in the making*. Cambridge, UK: Blackwell; 2000. p.98-114.

Meira MIM. *Coordenação na narrativa de crianças de seis anos: aspectos semânticos e sintáticos* [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 1977.

Nippold MA, Mansfield TC, Billow JL. Syntactic Development in Adolescents With a History of Language Impairments: A Follow-Up Investigation. *Am J Speech Lang Pathol*. 2008;18:241–51.

Pankratz ME, Plante E, Vance R, Insalaco DM. The diagnostic and predictive validity of the renfew bus store. *Lang Speech Hear Serv Sch*. 2007;38:390-9.

Perissinoto J. Avaliação Fonoaudiológica da criança com Autismo. In: Perissinoto J, organizadora. *Conhecimentos Essenciais para atender bem a criança com Autismo*. São José dos Campos: Editora Pulso; 2003. p. 45-55.

Piccoloto LF. *Análise de verbalizações a partir de estímulo visual sequencialização em crianças de 4, 5 e 6 anos de idade* [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 1981.

Principe GF, Smith E. The tooth, the whole tooth, and nothing but the tooth: How belief in the tooth fairy can engender false memories. *Appl Cogn Psychol*. 2008;22: 625–42.

Reilly J, Losh M, Bellugi U, Wulfeck B. “Frog, where are you?” Narratives in children with specific language impairment, early focal brain injury, and Williams syndrome. *Brain Lang*. 2004; 88:229–47.

Uccelli P, Páez MM. Narrative and vocabulary development of bilingual children from kindergarten to first grade: developmental changes and associations among English and Spanish skills. *Lang Speech Hear Serv Sch*. 2007;38:225-36.

Ukrainetz TA, Justice LM, Kaderavek JN, Eisenberg SL, Gillam RB, Harm HM. The Development of Expressive Elaboration in Fictional Narratives. *J Speech Lang Hear Res*. 2005; 48:1363–77



Wertzner HF, Fonologia. In: Andrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner HF. *ABFW: teste de linguagem infantil: nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática*. 2a ed. rev. ampl. e atual. Barueri: Pró-Fono; 2004.

## ESTUDO II

Andrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner HF. *Manual de avaliação de linguagem do serviço de Fonoaudiologia do centro de saúde escola Samuel B. Pessoa*. São Paulo; 1997. 127f. [Publicação Interna].

Baron-Cohen S, Colle L, Hill J. Do children with autism have a Theory of Mind? A non-verbal test of autism vs. specific language impairment. *J Autism Dev Disord*. 2007; 37:716-23.

Baron-Cohen S, Leslie AM, Frith U. Mechanical, Behavioural and Intencional understanding of stories in autistic children. *Br J Dev Psychol*. 1986;4:113-25.

Befi-Lopes DM, Bento ACP, Perissinoto J. Narração de histórias por crianças com Distúrbio Específico de Linguagem. *Pró-Fono*. 2008;20:93-8.

Bishop DVM, Donlan C. The role of syntax in encoding and recall of pictorial narratives: Evidence from specific language impairment. *Br J Dev Psychol*.. 2005;23:25–46.

Bishop DVM, Edmundson A. Language impaired 4-year-olds: Distinguishing transient from persistent impairment. *J Speech Hear Disord*. 1987; 52:156-73.

Botting N. Narrative as a clinical tool for the assessment of linguistic and pragmatic impairments. *Child Lang Teach Ther.* 2002;43:917-31.

Cassidy K, Balluramen G. *Theory of mind ability in language delayed children.* Paper presented at biennial meeting of Society for Research in Child Development, Washington, DC; 1997.

Cohen J. A coefficient of agreement for nominal scales. *Educ Psychol Meas.* 1960; 20(1):37-46.

Crespo-Eguílaz N, Narbona J. Perfiles clínicos evolutivos y transiciones em el espectro del transtorno específico del desarrollo del lenguaje. *Rev Neurol.* 2003;36(1):29-35.

Fey ME, Catts HW, Proctor-Williams K, Tomblin JB, Zhang X. Oral and written story composition skills of children with language impairment. *J Speech Lang Hear Res.* 2004;41:1301-18.

Gillam R, McFadden TU, Van Kleeck A. Improving narrative abilities: Whole language and language skills approaches. In: Fey M, Windsor J, Warren SF. Eds. *Language intervention: Preschool through the elementary year.* Baltimore: Brookes; 1995. p. 145-82.

Gillam RB, McFadden, TU. Redefining assessment as a holistic discovery process. *J Child Commun Disord.* 1994;16: 36–40.

Gillan R, Johnston JR. Spoken and written language relationship in language/learning-impaired and normally achieving school-age children. *J Speech Lang Hear Res.* 1992;35:1303-15.

Greenhalgh KS, Strong CJ. Literate language features in spoken narratives of children with typical language and children with language impairments. *Lang Speech Hear Serv Sch.* 2001;32:114-25.

Hale CM, Tager-Flusberg H. The influence of language on theory of mind: A training study. *Dev Sci.* 2003; 61:346–59.

Hughes D, McGillivray L, Schmidek M. *Guide to narrative language: Procedures for assessment.* Eau Claire, WI: Thinking Publications; 1997.

Leinonen E, Letts C, Smith BR. *Children's Pragmatic Communication Difficulties: Narratives and Story Telling.* London: Whurr; 2000. p. 92–124.

Liles B. Episode organization and cohesive conjunctives in narratives of children with and without language disorder. *J Speech Hear Res.* 1987;30:185–96.

Liles BZ, Duffy RJ, Merritt DD, Purcell SL. Measurement of narrative discourse ability in children with language disorders. *J Speech Hear Res.*1995;38:415-25.

Liles BZ, Purcell S. Departures in the spoken narratives of normal and language-disordered children. *Appl Psycholinguist.* 1987;8:185–202.

Liles BZ. Cohesion in the narratives of normal and language-disordered children. *J Speech Lang Hear Res.*1985;28:123-33.

Lohmann H, Tomasello M. A role of language in the development of false belief understanding: A training study. *Child Dev.* 2003;74:1130–44.

Luo F, Timler GR. Narrative organization skills in children with attention deficit hyperactivity disorder and language impairment: Application of the causal network model. *Clin Linguist Phon.* 2008; 22(1): 25–46.

Maclachlan BG, Chapman RS. Communication breakdowns in normal and language learning disabled children's conversation and narration. *J Speech Lang Hear Res.* 1988;53:2-7.

Marinellie SA. Complex syntax used by school-age children with specific language impairment (SLI) in child-adult conversation. *J Commun Disord.* 2004;37:517–33.

Marini A, Caltagirone C, Pasqualetti P, Carlomagno S. Patterns of language retrieval in patients with non-chronic non-fluent aphasia following specific therapies. *Aphasiology*. 2007a;21:164–86.

Marini A, Lorusso ML, D'Angelo G, Civati F, Turconi AC, Fabbro F. Evaluation of narrative abilities in patients suffering from Duchenne Muscular Dystrophy. *Brain Lang*. 2007b;102: 1–12.

McFadden TU, Gillam R. An examination of the quality of narratives produced by children with language disorders. *Lang Speech Hear Serv Sch*. 1996;27:48–57.

Merrit DD, Liles BZ. Story grammar ability in children with and without language disorder: story generation, story retelling and story comprehension. *J Speech Hear Res*. 1987;30:539-52.

Miller CA. False belief understanding in children with specific language impairment. *J Commun Disord*. 2001; 34:73–86.

Newman RM, McGregor KK. Teachers and Laypersons discern quality differences between narratives produced by children with or without SLI. *J Speech Lang Hear Res*. 2006;49:1002-36.

Nippold MA, Mansfield TC, Billow JL. Syntactic Development in Adolescents With a History of Language Impairments: A Follow-Up Investigation. *Am J Speech Lang Pathol*. 2008;18:241–51.

Norbury CF, Bishop DVM . Narrative skills of children with communication impairments. *Int J Lang Commun Disord*. 2003;38:287-313.

Paul R, Hernandez R, Taylor L, Johnson K. Narrative development in late talkers: Early school age. *J Speech Hear Res*. 1996; 39:1295–303.

Paul R, Smith RL. Narrative skills in 4-year-olds with normal, impaired, and late-developing language. *J Speech Hear Res*.1993; 36:572-98.

Perissinoto J. Avaliação Fonoaudiológica da criança com Autismo. In: Perissinoto J, organizadora. *Conhecimentos Essenciais para atender bem a criança com Autismo*. São José dos Campos:Editora Pulso; 2003. p. 45-55.

Price JR, Roberts JE, Jackson SC. Structural development of fictional narratives of African American preschoolers. *Lang Speech Hear Serv Sch*. 2006;3:178-90.

Purcell SL, Liles B. Cohesion repairs in the narratives of normal-language and language-disordered school-age children. *J Speech Hear Res*. 1992;35:354–62.

Roth FP, Spekman NJ. Narrative discourse: Spontaneously generated stores of learning-disabled and normally achieving students. *J Speech Lang Hear Res.* 1986; 51:8-23.

Scott CM, Windsor J. General language performance measures in spoken and written narrative and expository discourse of school-age children with language learning disabilities. *J Speech Lang Hear Res.* 2000;43:324-39.

Stark RE, Tallal P. Selection of children with specific language deficits. *J Speech Hear Disord.* 1981;46:114-22.

Strong CJ, Shaver JP. Stability of cohesion in the spoken narratives of language-impaired and normally developing school-aged children. *J Speech Hear Res.* 1991;34:95–111.

Ukrainetz TA, Gillam RB. The expressive elaboration of imaginative narratives by children with specific language impairment. *J Speech Lang Hear Res.* 2009;52:883–98.

Ukrainetz TA, Justice LM, Kaderavek JN, Eisenberg SL, Gillam RB, Harm HM. The Development of Expressive Elaboration in Fictional Narratives. *J Speech Lang Hear Res.* 2005; 48:1363–77.



Ward-Lonergan JM, Liles BZ, Anderson AM. Verbal retelling abilities in adolescents with and without language-learning disabilities for social studies lectures. *J Learn Disabil.* 1999;32(3):213–23.

Wertzner HF, Fonologia. In: Andrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner HF. *ABFW: teste de linguagem infantil: nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática.* 2a ed. rev. ampl. e atual. Barueri: Pró-Fono; 2004.

## ANEXOS

---

## ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**HOSPITAL DAS CLÍNICAS**

**DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**CAIXA POSTAL, 8091 - SÃO PAULO - BRASIL**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL**

1. NOME DA CRIANÇA :.....

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº : ..... SEXO : M Ž F Ž

DATA NASCIMENTO: ...../...../.....

ENDEREÇO ..... Nº ..... APTO:.....

BAIRRO: ..... CIDADE:..... CEP:.....

TELEFONE: DDD (.....) .....

2. RESPONSÁVEL LEGAL .....

NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.) .....

DOCUMENTO DE IDENTIDADE : .....SEXO: M Ž F Ž

DATA NASCIMENTO.: ...../...../.....

ENDEREÇO: ..... Nº ..... APTO: .....

BAIRRO: ..... CIDADE:..... CEP:.....

TELEFONE: DDD (.....).....

## II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Narração e Organização de histórias por crianças com Distúrbio Específico de Linguagem

PESQUISADOR: Ana Carolina Paiva Bento

CARGO/FUNÇÃO: Fonoaudióloga

INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL Nº - CRFa: 14.528

UNIDADE DO HCFMUSP: Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

3. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

SEM RISCO	Ž	RISCO MÍNIMO	X	RISCO MÉDIO	Ž
RISCO BAIXO	Ž	RISCO MAIOR	Ž		

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

4. DURAÇÃO DA PESQUISA : 24 meses

## III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

O seu filho está sendo convidado a participar de uma pesquisa desenvolvida na área de Fonoaudiologia. A Fonoaudiologia realiza atendimento de crianças que tem problemas para desenvolver a comunicação oral de forma adequada. A seguir explicarei os objetivos e a importância deste estudo. Esta pesquisa tem o objetivo de verificar como crianças com e sem problemas de fala e linguagem contam histórias. Esta pesquisa é importante, pois não existem muitos estudos nessa área, e esse tipo de conhecimento poderá ajudar na avaliação de crianças com e sem dificuldades para se comunicar.

Cada criança que participar deste estudo estará com a pesquisadora por apenas um dia, durante aproximadamente 30 minutos. As crianças deverão montar e contar 15 (quinze)

histórias que serão apresentadas pela avaliadora. As narrações das histórias serão gravadas em áudio, para que depois a pesquisadora possa ouvir e analisar as respostas das crianças.

As atividades realizadas serão agradáveis e não deixarão nenhuma criança em situação desconfortável. Esse trabalho irá ajudar na avaliação fonoaudiológica de crianças em idade escolar.

---

#### **IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:**

**O responsável pela criança participante da pesquisa poderá, a qualquer momento, ter acesso aos procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa. Poderá, também, solicitar qualquer esclarecimento à pesquisadora sobre dúvidas que venham a surgir durante a realização da pesquisa.**

Poderá retirar o consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento e assim, deixar de participar do estudo. Esta atitude não trará nenhum tipo de prejuízo à continuidade de assistência que a criança possa vir a necessitar.

Todos os dados obtidos, bem como a identidade de cada sujeito participante da pesquisa, será mantido em sigilo e somente a pesquisadora responsável pelo estudo terá acesso aos dados para análise e discussão.

---

#### **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.**

Nome: Ana Carolina Paiva Bento

Endereço: Rua Cipotânea, 51 – Cidade Universitária Fone: 3091-8419

---

**VI - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

São Paulo,        de                                de 200 .

\_\_\_\_\_

assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal    assinatura do pesquisador

(carimbo ou nome Legível)

## ANEXO B – Documento de aprovação CAPPesq nº 0666/07

**APROVAÇÃO**

A Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa - CAPPesq da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em sessão de 22/08/2007, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **0666/07**, intitulado: **"NARRAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE HISTÓRIAS POR CRIANÇAS COM DISTÚRBO ESPECÍFICO DE LINGUAGEM"** apresentado pelo Departamento de **Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional**, inclusive o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Cabe ao pesquisador elaborar e apresentar à CAPPesq, os relatórios parciais e final sobre a pesquisa (Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10/10/1996, inciso IX.2, letra "c").

Pesquisador (a) Responsável: **Debora Maria Befi-Lopes**

Pesquisador (a) Executante: **Ana Carolina Paiva Bento**

CAPPesq, 24 de Agosto de 2007

**PROF. DR. EDUARDO MASSAD**  
Presidente da Comissão Ética para Análise  
de Projetos de Pesquisa

## ANEXO C – Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)

ABFW - TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL  
nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática



**Capítulo 1 - Fonologia**  
*Haydée Fiszbein Wertzner*

**ANEXO 1**

**Fonologia. Protocolo de Registro - Imitação**

Nome:  
Data do Exame:  
Idade:

Registro		Análise Tradicional		
Vocábulo	Transcrição	Fonema	Inicial	Final
01. Peteca		p		
02. Bandeja		b		
03. Tigela		t		
04. Doce		d		
05. Cortina		k		
06. Gato		g		
07. Foguete		f		
08. Vinho		v		
09. Selo		s		
10. Zero		z		
11. Chuva		ʃ		
12. Jacaré		ʒ		
13. Machado		m		
14. Nata		n		
15. Lama		ɲ		
16. Lápis		l		
17. Preggo		ʎ		
18. Café		ɾ		
19. Alface		r		
20. Raposa		Arqui/S/		
21. Borracha		Arqui/R/		
22. Abelha		pR		
23. Carro		bR		
24. Branco		tR		



## ANEXO C– Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)



ABFW - TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL  
nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática



continuação

Vocábulo	Transcrição	Fonema	Inicial	Final
25. Travessa		dR		
26. Droga		kR		
27. Cravo		gR		
28. Grosso		fR		
29. Fraco		pl		
30. Plástico		bl		
31. Bloco		kl		
32. Clube		gl		
33. Globo		fl		
34. Flauta				
35. Pastel				
36. Porco				
37. Nariz				
38. Amor				
39. Roupa				

Acerto:  
Omissão:  
Substituição:  
Distorção:

**Referenciar este material como:**

WERTZNER, H. F. Fonologia. In: ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. *ABFW*: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2. ed. rev. ampl. e atual. Barueri (SP): Pró-Fono, 2004. Cap. 1, Anexo 1. 1 CD Rom.

## ANEXO C– Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)



ABFW - TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL  
nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática



**Capítulo 1 - Fonologia**  
*Haydée Fiszbein Wertzner*

**ANEXO 2**

**Fonologia. Protocolo de Registro - Nomeação**

Nome:  
Data do Exame:  
Idade:

Registro		Análise Tradicional		
Vocábulo	Transcrição	Fonema	Inicial	Final
1. Palhaço		p		
2. Bolsa		b		
3. Tesoura		t		
4. Cadeira		d		
5. Galinha		k		
6. Vassoura		g		
7. Cebola		f		
8. Xicara		v		
9. Mesa		s		
10. Navio		z		
11. Livro		ʃ		
12. Sapo		ʒ		
13. Tambor		m		
14. Sapato		n		
15. Balde		ɲ		
16. Faca		l		
17. Fogão		ʎ		
18. Peixe		ɾ		
19. Relógio		r		
20. Cama		Arqui/S/		
21. Anel		Arqui/R/		
22. Milho		pR		
23. Cachorro		bR		
24. Blusa		tR		

## ANEXO C– Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)



ABFW - TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL  
nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática



continuação

Vocabulo	Transcrição	Fonema	Inicial	Final
25. Carfo		dR		
26. Trator		kR		
27. Prato		gR		
28. Pasta		vR		
29. Dedo		pl		
30. Braço		bl		
31. Girafa		kl		
32. Zebra		gl		
33. Planta		fl		
34. Cruz				

Acerto:  
Omissão:  
Substituição:  
Distorção:

**Referenciar este material como:**

WERTZNER, H. F. Fonologia. In: ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. *ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática*. 2. ed. rev. ampl. e atual. Barueri (SP): Pró-Fono, 2004. Cap. 1, Anexo 2. 1 CD Rom.

ANEXO C– Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)



ABFW - TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL  
nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática



**Capítulo 1 - Fonologia**  
*Haydée Fiszbein Wertzner*

**ANEXO 3**  
**Fonologia. Análise dos Processos Fonológicos - Nomeação**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

	palhaço	bolsa	tesoura	cadeira	galinha	vassoura	cebola	xícara	mesa	navio	livro	sapo	tambor	sapato	balde	faca	fogão	total	
<b>Transcrição</b>																			
redução de sílaba																			
harmonia consonantal																			
plosivação de fricativas																			
posteriorização para velar																			
posteriorização para palatal																			
frontalização de velares																			
frontalização de palatal																			
simplificação de líquida																			
simplificação do encontro consonantal																			
simplificação da consoante final																			
sonorização de plosivas																			
sonorização de fricativas																			
ensurtecimento de plosivas																			
ensurtecimento de fricativas																			
outros																			
<b>Total</b>																			

**Legenda:** processos fonológicos observados durante o desenvolvimento;  
processos fonológicos não observados frequentemente durante o desenvolvimento.

## ANEXO C– Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)



ABFW - TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL  
nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática



*continuação*

Transcrição	peixe	relógio	cama	anel	milho	cachorro	blusa	garfo	trator	prato	pasto	dedo	zebra	girafa	braço	planta	cruz	total	
redução de sílaba																			
harmonia consonantal																			
plosivação de fricativas																			
posteriorização para velar																			
posteriorização para palatal																			
frontalização de velares																			
frontalização de palatal																			
simplificação de líquida																			
simplificação do encontro consonantal																			
simplificação da consoante final																			
somorização de plosivas																			
somorização de fricativas																			
ensurdecimento de plosivas																			
ensurdecimento de fricativas																			
outros																			
<b>Total</b>																			

**Legenda:** processos fonológicos observados durante o desenvolvimento;  
processos fonológicos não observados frequentemente durante o desenvolvimento.

**Referenciar este material como:**

WERTZNER, H. F. Fonologia. In: ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2. ed. rev. ampl. e atual. Barueri (SP): Pró-Fono, 2004. Cap. 1. Anexo 3. 1 CD Rom.

ANEXO C– Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)



ABFW - TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL  
nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática



**Capítulo 1 - Fonologia**  
*Haydée Fiszbein Wertzner*

**ANEXO 4**  
**Fonologia. Análise dos Processos Fonológicos - Imitação**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

	peteca	bandeja	tigela	doce	cortina	gato	foguete	vinho	selo	zero	chuva	jacaré	machado	nata	lana	lÁPis	prego	café	alface	total	
<b>Transcrição</b>																					
redução de sílaba																					
harmônia consonantal																					
plossivização de fricativas																					
posteriorização para velar																					
posteriorização para palatal																					
fricativização de velares																					
frontalização de palatal																					
supressão de líquida																					
simplificação de encontro consonantal																					
simplificação da consoante final																					
sonorização de plossivas																					
sonorização de fricativas																					
ensurtecimento de plossivas																					
ensurtecimento de fricativas																					
<b>outros</b>																					
<b>Total</b>																					

**Legenda:** processos fonológicos observados durante o desenvolvimento;  
processos fonológicos não observados frequentemente durante o desenvolvimento.

ANEXO C– Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)



ABFW - TESTE DE LINGUAGEM INFANTIL  
nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática



continuação

	raposa	borrachabella	carro	branco	travessa	droga	cravo	grosso	fraco	plástico	bloco	clube	globo	flauta	pastel	porco	nariz	amor	roupa	total
<b>Transcrição</b>																				
redução de sílaba																				
harmonia consonantal																				
plosivação de fricativas																				
posteriorização para velar																				
posteriorização para palatal																				
frontalização de velares																				
frontalização de palatal																				
simplificação de líquida																				
simplificação do encontro consonantal																				
simplificação da consoante final																				
suminização de plosivas																				
suminização de fricativas																				
ensurdecimento de plosivas																				
ensurdecimento de fricativas																				
outros																				
<b>Total</b>																				

**Legenda:** processos fonológicos observados durante o desenvolvimento;  
processos fonológicos não observados frequentemente durante o desenvolvimento.

**Referenciar este material como:**

WERTZNER, H. F. Fonologia. In: ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2. ed. rev. ampl. e atual. Barueri (SP): Pro-Fono, 2004. Cap. 1, Anexo 4, 1 CD Rom.

## ANEXO C– Prova de Fonologia ABFW (Wertzner, 2004)

Capítulo 1 - Fonologia  
Haydee Fiszbein Wertzner

ANEXO 5  
Fonologia. Quadro Resumo da Análise do Sistema Fonológico

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Transcrição	Imitação		Imitação		Nomeação		Adequado	
	Total	Produtividade	Total	Produtividade	Total	Produtividade	Total	Produtividade
redução de sílaba								
harmônia consonantal								
placação de fricativas								
posição baixação para velar								
posicionamento para palatal								
fricativização de velares								
fricativização de labial								
simplificação de líquida								
simplificação do encontro consonantal								
simplificação da consoante final								
sonorização de plosivas								
sonorização de fricativas								
cessamento de plosivas								
cessamento de fricativas								
outros								
<b>Total de Ocorrências</b>								

Legenda: processos fonológicos observados durante o desenvolvimento;  
processos fonológicos não observados frequentemente durante o desenvolvimento.





## ANEXO D – Prova de Consciência Fonológica (Andrade et al., 1997)

b) qual a palavra que termina diferente de pato

ex.:

pato	mato	gato	vaso
bala	mala	dedo	Sala
penete	dente	penete	Doce
gelo	tolo	fada	Calo
faca	mata	paca	Maca
jogo	mago	pote	figo

## 5. INÍCIO DE PALAVRAS

a) palavras que começam igual

ex.:

Laço	lata	Copo	faca
Melão	dedo	mesa	Pelo
nome	bolo	novo	Moço
fome	fora	dado	Gola

b) palavras que começam igual

ex.:

bolo	boca	bobo	Doce
nove	nota	nosso	Bola
café	casa	cabo	Fogo
Fácil	fada	galo	Faca

## 6. SOLETRAÇÃO

a) quantas letras tem a palavra ..... ?

filho ( )  
 normal ( )  
 corrente ( )  
 cabeça ( )

b) quais as letras das palavras .....?

passatempo \_\_\_\_\_  
 casaco \_\_\_\_\_  
 borboleta \_\_\_\_\_  
 calça \_\_\_\_\_  
 família \_\_\_\_\_

## ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita (Nível 1) (Andrade et al., 1997)

AVALIAÇÃO LEITURA-ESCRITA  
CENTRO DE SAÚDE-ESCOLA SAMUEL B. PESSOA  
NÍVEL 1

1. Pinte os quadros que mostram letras

7	A	%	C
#	M	5	*

2. Escreva uma letra diferente em cada quadro


3. Escreva seu nome

\_\_\_\_\_

4. Circule no alfabeto as letras que você usou para escrever seu nome

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z						

5. Quantas palavras há nas frases:

- Aninha passeia pela avenida.
- O elefante queria ser passarinho.
- O pato deu um pio de susto.

obs: se a criança não conseguir, pergunte qual das frases tem mais palavras

## ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita (Nível 2) (Andrade et al., 1997)

AVALIAÇÃO LEITURA-ESCRITA  
CENTRO DE SAÚDE-ESCOLA SAMUEL B. PESSOA  
NÍVEL 2

1. Escreva o nome das seguintes figuras:



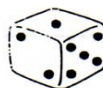
\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

2. Leia o texto e converse com a fonoaudióloga:

A QUEIXA

Pedro Bloch

O menino se queixou ao vendedor:

- Mamãe me bateu porque o senhor se enganou no troco.

- Aqui ninguém se engana menino. Vá. Vá andar.

- Está bem - se conforma o menino. - Então eu vou guardar os cinco reais que o senhor me deu a mais.

obs: se a criança tiver muita dificuldade para ler pode valer a pena ajudá-la na leitura e investigar um pouco mais a compreensão da linguagem.

ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita (Nível 2) (Andrade et al., 1997)

AVALIAÇÃO LEITURA-ESCRITA  
CENTRO DE SAÚDE-ESCOLA SAMUEL B. PESSOA  
NÍVEL 2

**3. Ditado de frases e palavras**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**4. Faça um desenho bem bonito.**

## ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita (Nível 3) (Andrade et al., 1997)

AVALIAÇÃO LEITURA-ÉSCRITA  
CENTRO DE SAÚDE-ESCOLA SAMUEL B. PESSOA  
NÍVEL 3

1. Escreva frases com as palavras:

- elefante - rato - amendoim

---

- estrela - foguete - viagem

---

- azul - arcia - sol

---

- sorvete - pescaria - primo

---

- televisão - futebol - pipoca

---

2. Leia o texto e comente com a fonoaudióloga.

**UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA**

Ziraldo

Era uma vez uma professora maluquinha.

Na nossa imaginação ela entrava voando pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar.

Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação).

Seu riso era solto como um passarinho.

Ela era uma professora inimaginável.

Para os meninos ela era uma artista de cinema.



ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita (Nível 3) (Andrade et al., 1997)

(só aplicar se necessário)

**4. Faça um desenho e escreva sobre ele**

**5. Ditado**

---

---

---

---

---

---

---

---



## ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita (Nível 4) (Andrade et al., 1997)

AVALIAÇÃO LEITURA-ESCRITA  
CENTRO DE SAÚDE-ESCOLA SAMUEL B. PESSOA  
NÍVEL 4

## 1. Escreva frases com as palavras:

- mar - sala - restaurante - estrada

---

- girafa - livro - bebê - quarto

---

- envelope - feira - matagal - garotinha

---

## 2. Leia o texto e comente com a fonoaudióloga.

Adoráveis Velhinhas

Hélio Fraga

**Cena 1: Manhã de sol nas praias...** Chega uma senhora com seus 75 anos, muito magra, com a pele muito branca, cheia de rugas, pelancas e veias arrebitadas. Seu aspecto é absolutamente exótico se a análise for feita dentro dos nossos padrões brasileiros: reparar em tudo e julgar a pessoa pelo aspecto ou pela roupa que usa. Mas a jovial senhora não está nem aí: tira a roupa, fica só de maiô, começa a fazer sua ginástica, aspira, respira, abre o braço, fecha, fica na ponta dos pés, dá uns pequenos trotes - tudo na maior naturalidade do mundo, sem se incomodar com o julgamento que as pessoas em volta possam fazer dela.

**Cena 2:...** É um costume neste parque, as crianças pintarem seu rosto como os palhaços... No meio delas, está uma senhora com uns 80 anos presumíveis, que também queria ser pintada - e não está nem aí se as crianças julgarem que ela já passou da idade para tais brincadeiras. Pacientemente ela aguarda a sua hora de ser



ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita (Nível 4) (Andrade et al., 1997)

(só aplicar se necessário)

**4. Faça um desenho e escreva sobre ele**

**5. Ditado**

---

---

---

---

---

---

---

---

ANEXO E – Prova de Leitura e Escrita – Instruções (Andrade et al.,  
1997)

**AVALIAÇÃO LEITURA-ESCRITA  
CENTRO DE SAÚDE-ESCOLA SAMUEL B. PESSOA  
ORIENTAÇÕES PARA O APLICADOR**

**Nível - I**

- Leia os enunciados com a criança.
- Se possível, peça para a criança fazer um desenho em outra folha.

**Nível - II**

- Pense em pintar as figuras do item 1.
- Depois da leitura, pergunte se há alguma palavra que a criança não tenha entendido e converse com ela a respeito do texto, veja se ela entendeu a “piadinha.”
- Ditado: **frases:** - O galo tem penas brancas. - O ratinho correu para fugir do gato.  
**palavras:** rádio - sabão - mala - sofá - bandeira - espelho - cabide - caneta - relógio - vaso - banco - balde - aquário - chocolate - boneca.

**Nível - III**

- Depois da leitura, pergunte se há alguma palavra que a criança não tenha entendido.
- Peça o desenho e o ditado apenas se você achar que os dados dos itens anteriores foram insuficientes.
- Ditado: Seu olhar, sempre que olhava a gente, parecia veludo na pele ou um pêssego na mão. Havia dias, porém, em que ela chegava na sala com o bico maior do que o de um tucano. (Uma Professora Muito Maluquinha).

**Nível - IV**

- Depois da leitura, pergunte se há alguma palavra que a criança não tenha entendido.
- Peça o desenho e o ditado apenas se você achar que os dados dos itens anteriores foram insuficientes.
- Ditado: Os acidentes de trânsito põem em destaque um fato: por mais incompetente que seja o serviço especializado, não se pode pôr toda a culpa na burocracia policial. Há que buscar em cada motorista a razão de tantos acidentes, há que procurar causas em todos os segmentos envolvidos na questão.

## ANEXO F – Exemplos da representação gráfica das Sequências Lógicas

(Perissionoto e Perissinoto, 2003)

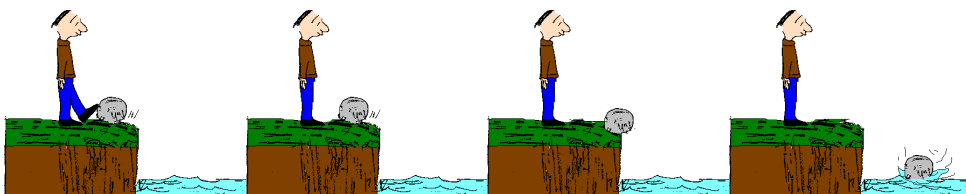
## Mecânica I

## Sequência 1 – O ovo



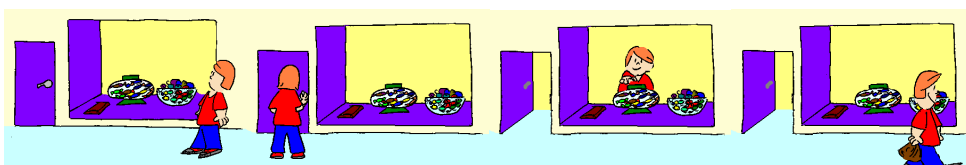
## Mecânica II

## Sequência 4 – Chutar Pedra



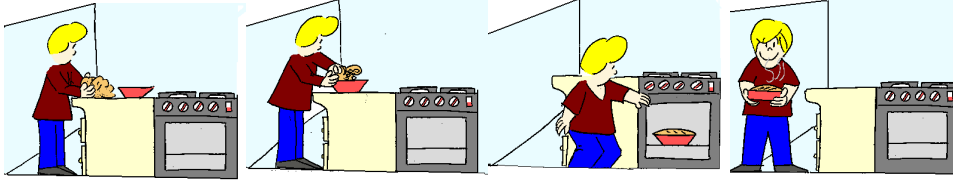
## Comportamental I

## Sequência 7 – Comer Balas



## Comportamental II

## Sequência 10 – Fazer o Bolo



## Intencional

## Sequência 13 – Ursinho



## ANEXO G – Protocolo de Registro da Ordenação Temporal

**Protocolo de Registro – Sequências Lógico-Temporais**

Pesquisadora Executante: Fga Ana Carolina Paiva Bento

Nome do Paciente:

Data da Avaliação

Idade Atual:

DN:

<b>Sequência</b>	<b>Instrução</b>	<b>Ordenação Temporal</b>	<b>Pontuação</b>
1) O ovo	<b>“Estas figuras formam uma história. Esta é a primeira parte da história. O que você está vendo? (Nesta figura temos um ovo e uma mesa) Estas outras são a continuação da história, só que elas estão fora de ordem. Arrume as figuras de forma que elas formem uma história”.</b>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
2) O balão	<i>Nesta figura temos uma árvore e um balão.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
3) A pedra e a árvore	<i>Nesta figura temos uma pedra, uma montanha e uma árvore.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
4) Chutar Pedra	<i>Nesta figura temos um menino, uma pedra e o mar.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
5) O menino e a pedra	<i>Nesta figura temos uma montanha, uma pedra e um menino.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
6) Vestir	<i>Nesta figura temos um menino e uma calça jeans.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
7) Come Balas	<i>Nesta figura temos um menino e uma loja de doces.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	

8) Lavar o rosto	<i>Nesta figura temos uma mulher, uma pia, uma torneira e uma toalha.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
9) Cavar	<i>Nesta figura temos um menino, uma pá e uma árvore.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
10) Fazer bolo	<i>Nesta figura temos um homem, um fogão, uma pia, uma massa e uma tigela.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
11) Tombo	<i>Nesta figura temos uma menina, uma pedra e uma árvore.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
12) Sorvete	<i>Nesta figura temos um menino, uma menina e um sorvete.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
13) Ursinho	<i>Nesta figura temos uma menina, uma flor e um ursinho.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
14) Perda de Balas	<i>Nesta figura temos uma loja de balas, um menino, uma senhora e um saquinho de doces.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	
15) Caixa de Bombons	<i>Nesta figura temos uma janela, uma mesa, um telefone, um lápis, um bloco de anotações, um menino e uma caixa de bombons.</i>	Correta ( ) Incorreta ( ) ___/___/___/___	



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)